



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GEOGRAFIA

ANDRESSA KRIESER BAUERMANN

FEIRAS AGROPECUÁRIAS E TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA:

**A INFLUÊNCIA DO ITAIPU RURAL SHOW NO OESTE CATARINENSE ENTRE OS
ANOS DE 1998 E 2017**

CHAPECÓ

2017

ANDRESSA KRIESER BAUERMANN

FEIRAS AGROPECUÁRIAS E TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA:

**A INFLUÊNCIA DO ITAIPU RURAL SHOW NO OESTE CATARINENSE ENTRE OS
ANOS DE 1998 E 2017**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado como requisito para obter grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Bauermann, Andressa Krieser

FEIRAS AGROPECUÁRIAS E TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA : A
INFLUÊNCIA DO ITAIPU RURAL SHOW NO OESTE CATARINENSE
ENTRE OS ANOS DE 1998 E 2017/ Andressa Krieser
Bauermann. -- 2017.

72 f.:il.

Orientador: Marlon Brandt.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ,
Chapecó, SC, 2017.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS. 2. MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E
O ESPAÇO RURAL DO OESTE CATARINENSE. 3. FEIRAS
AGROPECUÁRIAS E EXPOSIÇÕES: UMA VITRINE DA TECNIFICAÇÃO
AGRÍCOLA. 4. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ITAIPU RURAL
SHOW. 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS. I. Brandt, Marlon,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANDRESSA KRIESER BAUERMANN


**FEIRAS AGROPECUÁRIAS E TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA:
A INFLUÊNCIA DO ITAIPU RURAL SHOW NO OESTE CATARINENSE ENTRE OS
ANOS DE 1998 E 2017**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

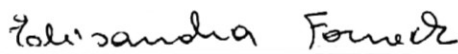
Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
11 / 12 / 2017

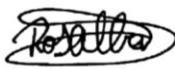
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marlon Brandt - UFFS



Prof.ª Me. Elisandra Forneck – CEMAC



Prof.ª Me. Rosa Salete Alba – UFFS

Dedico esse trabalho aos meus pais Volmir e Vanilda, por todo apoio, carinho, amor, aprendizado e conselhos que me proporcionam até hoje.

AGRADECIMENTOS

À minha Família que sempre me apoiou, e se fez presente nos bons e maus momentos. Em especial a meu pai que sempre me acompanhou em todas as entrevistas e trabalhos de campo e a minha mãe pelos conselhos nos momentos de ansiedade.

Ao meu irmão Gustavo por me aturar e animar nos dias de irritação.

Aos meus amigos e colegas de curso, especialmente a Daniela, pelo incentivo e pelos momentos inesquecíveis que me proporcionaram nesses quatro anos de graduação.

Aos professores da UFFS, pelos quatro anos de aprendizado que me proporcionaram.

À COOPER ITAIPU pela disponibilidade dos dados, em especial ao Alcir Jacoby, por não medir esforços na procura dos dados e materiais necessários a pesquisa.

Ao professor Marlon Brandt pelas orientações, conselhos e apoio ao longo do curso, dos projetos de pesquisa, do projeto do mestrado e deste trabalho.

Ao Anderson Borges pela compreensão, pelo carinho e ajuda no trabalho (principalmente na produção dos mapas).

A todos que concederam entrevista para este trabalho (Arno Jandt, Irineu Henker, Bruno Zimmermann, João Alfredo Schmatz, Alcir Jacoby, Jairo Martini, Charles Kath e Mário Lanznaster).

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A geografia [...] deve ensinar-nos, desde a nossa mais tenra infância, que todos somos irmãos, seja qual for nossa nacionalidade. Em uma época como a nossa, de guerras de sentimentos nacionalista, de indolência nacionalista e ódio habilmente alimentado por gente que persegue seus próprios interesses de classes, egoístas ou pessoais, a geografia deve ser - na medida em que a escola possa fazer algo para contrabalançar as influências hostis - um meio para dissipar esses preconceitos e para criar outros sentimentos mais dignos da humanidade (KROPOTKIN,1885).

RESUMO

O presente trabalho propõe uma investigação acerca da influência do Itaipu Rural Show na difusão da tecnificação agrícola entre os anos de 1998 e 2017 no oeste catarinense, visto que as feiras agropecuárias se apresentam como importantes elementos difusores e ainda carecem de estudos. O Itaipu Rural Show surge em 1998 quando a Cooperativa Regional Itaipu transformou os tradicionais dias de campo em uma feira desenvolvida no Centro de Treinamento e Difusão de Tecnologias no município de Pinhalzinho –SC. Para tanto, essa monografia foi segmentada em três capítulos. O primeiro além de trabalhar a formação histórico-territorial da região, discute o papel da modernização agrícola, especialmente sob a ótica da atuação da ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina). O segundo aborda feiras e exposições agropecuárias como vitrines da tecnificação agrícola. Para finalizar, o terceiro caracteriza e analisa o Itaipu Rural Show enquanto instrumento para a contínua tecnificação da agricultura do recorte proposto.

Palavras chave: Itaipu Rural Show. Tecnificação agrícola. Feiras agropecuárias.

ABSTRACT

The present work proposes an investigation about the influence of the “*Itaipu Rural Show*” in the diffusion of the agricultural technification between the years of 1998 and 2017 in the Santa Catarina west, since the agricultural fairs are presented as important diffusing elements and still need studies. The “*Itaipu Rural Show*” comes in 1998 when the “*Cooperativa Regional Itaipu*” transformed the traditional field days in a fair developed at the “*Centro de Treinamento e Difusão de Tecnologias*” in the municipality of Pinhalzinho-SC. For this, this monograph was segmented in three chapters. The first one, in addition to work the historical-territorial formation of the region, discusses the role of agricultural modernization, especially from the perspective of ACARESC's action. The second, addresses fairs and agricultural exhibitions as showcases of agricultural technification. To finish, the third characterizes and analyzes the “*Itaipu Rural Show*” as an instrument for the continuous agricultural technification of the proposed cut.

Keywords: Itaipu Rural Show. Agricultural technification. Agricultural fairs.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de palestras realizadas no Itaipu Rural Show entre os anos de 2011 e 2017	50
Gráfico 2 – Número de expositores do Itaipu Rural Show entre os anos de 2011 e 2017	57
Gráfico 3 – Número de visitantes do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participação brasileira nas Exposições Universais	40
Tabela 2 – Principais feiras agropecuárias em 2016	44
Tabela 3 – Empresas e instituições patrocinadoras do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017	62
Tabela 4 – Empresas e instituições apoiadoras do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017	63

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Ocupação do Médio e Extremo Oeste do estado de Santa Catarina	24
Mapa 2 – Localização do município de Pinhalzinho-SC	46
Mapa 3 – Área de influência do Itaipu Rural Show em Santa Catarina.....	48
Mapa 4 – Organização da feira	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Treinamento da ACARESC para produção de hortaliças	32
Figura 2 – ACARESC: uso de fungicidas	34
Figura 3 – Propaganda de maquinário agrícola nos anos de 1970	35
Figura 4 – Propaganda demonstrando o custo benefício da colheitadeira New Holland modelo Clayson 1530	36
Figura 5 – Caderno de programação do 19º Itaipu Rural Show	51
Figura 6 – Caderno de programação do 19º Itaipu Rural Show	52
Figura 7 – Treinamentos de plantio e demonstração de maquinários para silagem no 12º Itaipu Rural Show	53
Figura 8 – Material de divulgação do primeiro Itaipu Milho Show	54
Figura 9 – Material de divulgação do segundo Itaipu Rural Show	55
Figura 10 – Convite do segundo Itaipu Rural Show	56
Figura 11 – Demonstrações no segmento milho e máquinas agrícolas.....	60

LISTA DE SIGLAS

ACARESC	Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
EFAPI	Exposição-feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó
COOPERITAIPU	Cooperativa Regional Itaipu

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
2. MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E O ESPAÇO RURAL DO OESTE CATARINENSE	18
2.1 INDÍGENAS, CABOCLOS E COLONOS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICO-TERRITORIAL	18
2.2 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO OESTE CATARINENSE.....	28
2.3 A ATUAÇÃO DA EXTENSÃO RURAL COMO DIFUSORA DOS IDEAIS DE MODERNIZAÇÃO NO OESTE CATARINENSE	31
3. FEIRAS AGROPECUÁRIAS E EXPOSIÇÕES: UMA VITRINE DA TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA	38
4. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ITAIPU RURAL SHOW	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há muito tempo, desde a década de 1940, o meio rural vem passando por transformações que objetivam estimular os agricultores a utilizarem novas práticas de trabalho no campo, pautadas sob a égide das constantes modernizações agrícolas, as quais estão ligadas a obtenção de uma gama de novos equipamentos e serviços.

É notório que este processo de modernização foi um dos fatores que contribuíram para que não houvesse mais clara distinção entre o rural e o urbano. Neste sentido, os espaços produtivos passaram a ser regulados por mercados específicos. Por consequência houve um aumento do trabalho e da especialização dos lugares (CHORINCAS, 2001-02), que por sua vez, propiciaram a acentuação da divisão territorial e social do trabalho, bem como, um caráter específico para as regiões.

O processo descrito foi um dos frutos do modelo de produção capitalista, que associado a Teoria Malthusiana surgiu no pós Segunda Guerra Mundial com um discurso que difundia a crença da abundância de alimentos e o fim da miséria e da fome, a chamada Revolução Verde (FREDERICO, 2008). Desta maneira, a Revolução Verde contribuiu para que ocorresse a passagem do “complexo rural” para o “agroindustrial”, bem como para a emergência de um padrão biotecnológico (SILVA, 1996).

Foi assim que segundo Rangel (1982) a tecnologia deixou de ser um objeto de comércio para emergir como uma indústria. Desta maneira, de acordo com as discussões de Santos (2006, p.16) “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Nesse contexto, o complexo produtivo da agricultura se desenvolveu em diversos segmentos, que propiciaram uma espécie de agrosserviços (beneficiamento, transporte, armazenagem, assistência técnica, cultivos específicos, bens de capital, dentre outros) conforme salienta Gonçalves (2005).

A produção capitalista deste espaço (HARVEY, 2005), pode ser apreendida pelo conceito de território abordado por Raffestin (1993), no qual este é definido a partir das relações de poder entre os atores que dele fazem parte. A vista disso, a produção capitalista utiliza como mecanismos o aumento da produtividade e a acumulação da produção para investimentos futuros, para que haja uma territorialização dos espaços pelo capital (ELIAS, 2006) ou conforme ressalta Oliveira (2004) a monopolização do território pelo capital. Logo, por consequência, ocorreram e ainda ocorrem novas regionalizações produtivas, marcadas pela técnica e pelo mercado globalizado (SANTOS, 2005).

No oeste catarinense este processo não foi diferente, a modernização agrícola teve papel preponderante na transformação do espaço rural, principalmente com o aumento da especialização produtiva, voltado ao setor agroindustrial.

Assim, na contemporaneidade e na análise de um campo moderno as feiras e eventos associados à produção agropecuária constituem um importante recurso de pesquisa, haja vista que se podem observar nestes eventos os principais tipos de produtos e serviços comercializados, as inovações tecnológicas, a origem das empresas expositoras, a origem das instituições fornecedoras de crédito, entre outras informações que oportunizam a compreensão da dinâmica do território em áreas do campo moderno ou em processo de modernização (ELIAS, 1998).

Nesse sentido, essa monografia propõe, como objetivo geral, uma investigação acerca da influência do Itaipu Rural Show na difusão da tecnificação agrícola entre os anos de 1998 e 2017 no oeste catarinense, visto que as feiras agropecuárias se apresentam como importantes elementos difusores e ainda carecem de estudos, principalmente sob a ótica geográfica.

O Itaipu Rural Show surge em 1998 quando a Cooperativa Regional Itaipu resolveu transformar os tradicionais dias de campo em uma feira desenvolvida no Centro de Treinamento e Difusão de Tecnologias no município de Pinhalzinho –SC. Seu objetivo era mostrar aos agricultores a tecnologia que cada uma das empresas participantes tinha a oferecer. Possibilitavam dessa forma que o agricultor comparasse o resultado dos materiais de cada uma das empresas participantes.

Desta maneira, procuramos neste trabalho analisar o processo de modernização agrícola no oeste de Santa Catarina; entender o papel das feiras agropecuárias na tecnificação da agricultura; analisar o contexto de formação do Itaipu Rural Show e identificar as instituições e empresas que atuam no evento.

Para isso, como primeiro passo realizamos o levantamento de referenciais bibliográficos, o que consistiu em identificar artigos, revistas eletrônicas, e obras que atendiam a demanda teórica. No segundo passo fizemos o levantamento de fontes como fotografias, cadernos de programação, estratégias e materiais de divulgação e documentos, como atas de reuniões que abordam a organização do evento e conseqüentemente a temática delimitada. Estes levantamentos foram realizados a partir do acervo do Museu Histórico de Pinhalzinho, do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), da Biblioteca Pública Neiva Maria Andreatta Costela e dos acervos da Cooperativa Regional Itaipu, entidade promotora do evento.

Considerando o uso destas fontes, para utilizar fotografias, precisa-se entender que o autor da mesma está fazendo uma "cópia", e não criando, como em uma pintura, entretanto, a imagem fotográfica é construída a partir da focalização, enquadramento e perspectiva do fotógrafo e este, ao realizar sua fotografia "imprime" nela sua história, suas construções de verdade, ou seja, tudo o que contribuiu para a sua construção como sujeito, conforme salienta Zendron (2002, p. 87). Portanto, este fotógrafo/sujeito, historicamente construído, ao determinar a temática de suas fotografias, está fazendo uma escolha, assim a fotografia não é apenas "a emanção do referente", mas a emanção de um referente previamente escolhido, enquadrado, focalizado, o que perpassa conhecer melhor o fotógrafo, sua trajetória e sua história de vida (ZENDRON, 2002). Além disso, Kossoy (2001, p. 162) propõe que;

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma íntima porção do espaço do mundo exterior. É também paralização súbita do inquestionável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugida de um instante de vida que flui ininterruptamente.

Acrescentam-se a essas fontes escritas e visuais o emprego da história oral, através de entrevistas com agricultores, técnicos de empresas que expõe no evento, responsáveis pela feira, entre outros. Essa metodologia foi adotada, pois entrevistas “sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas” (PORTELLI, 1997, p. 31). Ademais, essas entrevistas fazem parte do projeto de extensão “Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades”.

Quanto à estrutura do trabalho, ele foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Modernização agrícola e o espaço rural do oeste catarinense”, objetiva rememorar a história do recorte espacial proposto associando-a a modernização agrícola iniciada no pós Revolução Verde. Para tanto, ele foi dividido em três momentos. O primeiro faz breves considerações sobre a formação histórica-territorial a partir da ocupação indígena, cabocla e dos colonos. O segundo trata do processo de modernização agrícola empreendido e o terceiro aborda a atuação da Extensão Rural como difusora dos ideais da modernização.

Já o segundo capítulo, denominado “Feiras agropecuárias e exposições: uma vitrine da tecnificação agrícola” busca reconstruir historicamente o papel das feiras e exposições enquanto espaço de demonstração das novas técnicas e tecnologias. Desta maneira, iniciamos com discussões acerca das primeiras exposições (Exposições Universais) até as atuais feiras do campo moderno.

O último capítulo, nomeado “Caracterização e análise do Itaipu Rural Show” visa entender a maneira pela qual a feira atua na tecnificação do espaço e por consequência dos agricultores. Desta forma, trabalhamos com os ideais de modernização que emanam das palestras, materiais de divulgação, exposições, fotografias e entrevistas com os organizadores, agricultores e expositores.

2. MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E O ESPAÇO RURAL DO OESTE CATARINENSE

As discussões acerca da importância das feiras/exposições agropecuárias no cenário brasileiro e seu papel como instrumento da tecnificação agrícola ainda são muito recentes e carecem de mais estudos. É por isso que este trabalho objetiva compreender a influência do Itaipu Rural Show na difusão da tecnificação agrícola entre os anos de 1998 e 2017 no oeste catarinense.

Assim, num primeiro momento torna-se fundamental analisar o processo de formação do oeste catarinense e o processo de modernização agrícola a ele associado, para assim, entender o espaço rural do recorte espacial proposto.

2.1: INDÍGENAS, CABOCLOS E COLONOS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICO-TERRITORIAL

A história do oeste catarinense é antiga, sendo este chão habitado e conhecido a milhares de anos. De forma mais ampla, o povoamento¹ da região remonta a ocupação da Bacia do Prata e tem nos vestígios arqueológicos os testemunhos desta trajetória. Os povos pré-coloniais desta região exploravam os recursos naturais encontrados principalmente nas proximidades do rio Uruguai, bem como em seus afluentes e subafluentes. Nestes locais encontravam a argila utilizada na fabricação da cerâmica e os blocos e seixos formados de basaltos, arenitos, calcedônia, sílex e quartzo, os quais eram empregados na produção dos artefatos líticos (CARBONERA; ONGHERO; LINO, 2017, p. 29).

O pesquisador Francisco Noelli (1999 – 2000), ressalta que houve três diferentes levas migratórias em tempos pré-históricos para o território sul do Brasil: os primeiros povoadores humanos eram formados por grupos caçadores-coletores nômades, num segundo momento pelos povos de matriz linguística jê e no terceiro momento por povos de matriz linguística tupi-guarani. Assim, entre doze a oito mil anos atrás o leste da América do Sul já se encontrava ocupado por populações de caçadores-coletores, as quais;

[...] podem ser caracterizadas pelas diferentes estratégias de adaptação e transformação das paisagens pleistocênicas. Com o fim da última era glacial houve um aumento progressivo do calor e da umidade, o clima tornou-se mais parecido com o que conhecemos na atualidade. Esses grupos eram caçadores-coletores

¹Para Poli (2006) o povoamento do oeste catarinense pode ser segmentado em três fases de ocupação cada qual com atividades econômicas e modos de vida distintos. São elas: a fase indígena que se deu até meados do século XIX; a fase cabocla, que se sucedeu e miscigenou-se com a indígena; e a fase da colonização, caracterizada pela vinda de imigrantes de origem alemã, italiana e polonesa, vindos principalmente do Rio Grande do Sul.

nômades, cuja presença é identificada, principalmente, por artefatos de pedra lascada (CARBONERA; ONGHERO; LINO, 2017, p. 30).

Autores como Lino (2015) relatam que a forma como estas populações chegaram a região ainda são uma incógnita, assim alguns pesquisadores suspeitam que estas populações eram originárias de áreas mais ao sul, ou seja, da Patagônia e outros apontam para a possibilidade de migrações vindas da porção central do Brasil.

A partir de dois mil anos atrás, um novo grupo aparece na história da região Sul e especialmente do oeste catarinense. Os estudos realizados na Bacia do Prata revelam um amplo território povoado pelo povo Guarani. Estes povos que;

[...] ocuparam as florestas do alto rio Uruguai escolhiam como pontos preferenciais para estabelecer seus assentamentos áreas relativamente planas, nas desembocaduras dos afluentes, nas proximidades das corredeiras. [...] Os vestígios Guarani são encontrados em sítios a céu aberto. Ao estudá-los, os arqueólogos observam a existência de áreas destinadas a moradia, ao cultivo de alimentos e ao enterro dos mortos. [...] A produção de cerâmica é, sem dúvida, o elemento mais característico deste grupo. A abundância e variedade de artefatos são evidências de sociedades sedentarizadas, com o domínio de terras agrícolas (CARBONERA; ONGHERO; LINO, 2017, p. 34,35).

Nas áreas mais afastadas do rio Uruguai foi encontrado vestígios de outras sociedades agriculturas conhecidas como Itararé-Taquara (CARBONERA; ONGHERO; LINO, 2017, p. 41). Para os autores, esse grupo corresponderia em tempos históricos a matriz cultural Jê, sendo aqui conhecidos como Kaingang e Xokleng, tendo como principal característica uma arquitetura complexa, com estruturas subterrâneas e anelares. Ademais, “constituem dois povos distintos linguística, biológica e culturalmente” (NOELLI, 1999-2000, p. 240).

Entretanto, com a chegada da expedição de Cristóvão Colombo ao território americano a partir de 1492 e das caravelas de Pedro Álvares Cabral aportando em 1500 no Brasil, inicia-se um processo de invasão e conquista europeia em todo o continente. Isto culminou em um processo de genocídio sem precedentes na história mundial, onde milhares de povos nativos foram sendo dizimados por meio de epidemias, da guerra, de trabalho escravo, por violência física e cultural, conforme salienta Lino (2015).

Ainda, o autor ressalta que desde o início do processo de conquista, expedições europeias foram enviadas à região a fim de explorar o território, seja por terra, seja por mar. O primeiro objetivo era conhecer, comerciar e mapear e “posteriormente, foram sendo instalados os primeiros núcleos de povoamento, que serviam como marcadores territoriais nas disputas ibéricas pela posse das terras meridionais americanas” (LINO, 2015, p. 102).

Nota-se que a ocupação das terras do oeste catarinense ao longo da história protagonizou inúmeras disputas. Elas se iniciam antes mesmo do “descobrimento”, entre Portugal e Espanha que para resolver os conflitos em relação às “novas descobertas” assinaram o Tratado de Tordesilhas² em 1494. Já em momentos posteriores houve disputas entre Brasil e Argentina e entre Paraná e Santa Catarina pela posse destas terras. Além, disso a área também foi disputada entre índios, caboclos, fazendeiros e empresas colonizadoras (WERLANG, 2006).

É possível perceber que até o início da colonização a região oeste do estado de Santa Catarina era ocupada por diversas famílias caboclas. Em linhas gerais, a população denominada luso-brasileira ou cabocla foi atraída para região por meio da ocupação do campo de Palmas. Trabalhando na criação de gado e na extração da erva-mate, abundante na região, essa população acabou se miscigenando com a população indígena que habitava as proximidades do rio Uruguai (WERLANG, 2006, p. 75).

Caracterizadas pelo regime da posse, estas possuíam práticas relacionadas ao uso comum da terra e dos recursos naturais em atividades como a criação de animais, principalmente o porco e a extração da erva-mate, enquanto a agricultura era realizada

²O Tratado de Tordesilhas delimitava uma linha divisória de 370 léguas a oeste do Arquipélago de Cabo Verde, firmando que as terras a oeste pertenceriam à Espanha e a Leste a Portugal. Entretanto, no tratado não constava a ilha em que se iniciaria a medição e nem explicava a medida exata da légua a ser usada, gerando inúmeras discussões. Assim, para a Espanha a Ilha de Santa Catarina e a região continental lhe pertenceriam. Todavia, Portugal tinha uma interpretação diferente e ao dividir a colônia portuguesa em capitânicas hereditárias, criou na região a capitania de Sant’ana, que apresentava Pero Lopes de Souza como donatário. Desta maneira, a Ilha de Santa Catarina e o litoral Sul foram amplamente disputados ao serem pontos estratégicos para a conquista do Rio da Prata. Portugal foi incorporando o litoral e criando núcleos de povoamento como Nossa Senhora do Rio São Francisco (1658), Nossa Senhora do Desterro (1662), Santo Antonio dos Anjos de Laguna (1682). Após o avanço português, principalmente após a criação da colônia do Sacramento (1680) ficou claro que o objetivo era a conquista do Rio da Prata o que ameaçaria a exploração espanhola das Minas de prata em Potosí, na atual Bolívia. A partir da conquista do litoral catarinense, ficou mais fácil para Portugal ultrapassar os limites do Tratado de Tordesilhas, em busca de riquezas e aprisionamento de indígenas, fazendo com que o governo espanhol reagisse a esse avanço. Assim, essas disputas entre portugueses e espanhóis foram propulsoras de novos tratados que proporcionassem soberania sobre os territórios “conquistados”. Num primeiro momento foi assinado o Tratado de Lisboa (1961), onde Portugal utilizou-se do princípio do direito internacional de uti-possidetis para ampliar seus domínios territoriais. Já em 1750 é assinado o Tratado de Madri, pelo qual os portugueses incorporam as terras a oeste de linha de Tordesilhas sob o mesmo princípio do tratado anterior, segundo o qual a terra pertencia a quem dela tivesse tomado posse. Em função destes tratados os rios Peperiguaçu e Santo Antonio foram tomados como limites entre as terras portuguesas e espanholas. Esse limite foi ratificado pelo Tratado de Santo Idelfonso em 1777 e os limites passaram a ser os rios Chapecó, Chopin de Peperiguaçu e Santo Antonio (através de uma expedição que ocorreu em 1788), o que ampliou o domínio espanhol e mais tarde serviu de argumento para a reivindicação Argentina das terras entre os rios Chapecó e Peperiguaçu. Para mais informações sugere-se a leitura do trabalho de Werlang (2006), intitulado “Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil”.

principalmente para a subsistência. E é por isso que as terras eram divididas em dois segmentos, as de plantar e as de criar (RENK, 2006).

Nas terras de plantar acontecia a policultura com rotação de terras, o milho era o elemento central da lavoura e era consorciado ao feijão, abóbora ou melancia e nas terras de criar que abrangiam praticamente toda propriedade ou posse estavam as florestas e pequenas áreas de campo para criação de gado bovino e suínos voltados para o consumo e comércio local (BRANDT, 2015, p. 14,15).

Assim, até o século XIX, despertava interesse no estado catarinense apenas a exploração da erva-mate e o campo de Palmas. No entanto, este cenário muda no final do século XIX quando as madeiras e as terras da região davam indícios da possibilidade de grandes lucros. Então, baseados nas pretensões da expedição de 1788, o Ministro do Exterior da Argentina, Bernardo de Irigoyen, em 1876 passou a reivindicar a região. Fazendo uso do princípio de *uti-possidetis*, em 06 de fevereiro de 1895 o presidente dos Estados Unidos, Grover Stepan Cleveland, deu ganho de causa ao Brasil (WERLANG, 2006).

Com a resolução deste conflito, houve posteriormente uma disputa entre Paraná e Santa Catarina, por 48 mil km² de área territorial, onde os limites eram representados pelo rio Uruguai ao Sul e o Iguazu ao norte (WERLANG, 2006). Ainda segundo o autor, a disputa foi movida pela existência da grande quantidade de madeiras e terras férteis e intensificada pelo avanço da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, culminando na Guerra do Contestado. Em 1916 um acordo é assinado entre os dois Estados, pondo fim ao conflito e fazendo com que outras questões se tornassem prioritárias ao governo, principalmente no que diz respeito ao povoamento do território, a fim de garantir e evitar novas disputas territoriais. É neste contexto que se inicia o processo de colonização empreendido pelo governo por meio das empresas colonizadoras.

Tendo em vista a atuação destas empresas, o pesquisador Peluso Júnior (1970, p. 52,53) mescla quem foram os participantes das primeiras levas de povoamento com as dificuldades encontradas por cada grupo. Nesse sentido, a ocupação do solo catarinense tem princípio no século XVII, com a instalação de povoados vicentistas em São Francisco, Desterro e Laguna. Depois, no século XVIII a eles se juntaram açorianos e madeirenses no litoral e os paulistas no planalto. No século XIX chegaram os imigrantes europeus e mais tarde aqueles vindos das comunidades alemãs e italianas do Rio Grande do Sul.

Por conseguinte, ele destaca que os vicentistas foram seduzidos pela oportunidade de servirem ao seu rei e ao mesmo tempo receberem as sesmarias nas terras que se radicavam. Já os açorianos e madeirenses procuravam no Brasil fugir da miséria que reinava em suas ilhas e no que diz respeito aos colonos europeus, estes chegaram a uma época em que a fixação dos limites meridionais desapareceram e onde o Estado promovia uma política de povoamento das áreas mais interioranas.

A motivação dos imigrantes europeus foi alvo de inúmeras discussões e as propagandas realizadas pelas empresas colonizadoras nos países de origem se caracterizam como fator preponderante. Essas propagandas de forma verbal e escrita conseguiram firmar diversos contratos com famílias dispostas a emigrar.

O primeiro núcleo de povoamento foi fundado em 1829 com alemães embarcados em Bremen. O autor também destaca outros núcleos como o de São Pedro de Alcântara (1829), com imigrantes alemães e ex-soldados, a colônia de Santa Isabel (1847), a colônia Piedade (1847), a colônia Leopoldina (1847), a colônia Blumenau (1860), dentre outras.

Sob outro olhar, Waibel (1949) em seu texto “Princípios da colonização européia no Sul do Brasil” associa as características naturais ao movimento de ocupação das terras pelos colonizadores, apontando que:

Nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que juntamente com suas espôsas e filhos têm lavrado a terra e estabelecido lares de tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem lusobrasileira; que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos. Com freqüência, conservam um modo de vida quase medieval, de tipo feudal e aristocrático; consideram o colono laborioso como inferior, e são arrogantes e presunçosos nos seus contactos com êle (WAIBEL, 1949, p.09).

Por conseguinte, aborda o início da colonização a partir das terras florestadas do Brasil meridional enfatizando que após a independência do Brasil em 1822 julgou-se necessário colonizar as duas províncias mais meridionais, pois estavam sujeitas ao ataque argentino pelo lado sul e dos índios Xoclog pelo interior. Além disso, as florestas do sul eram de domínio indiscutível desses índios, fazendo que com que os brancos apenas as usassem como caminhos de boiadeiros e de tropas, sendo o mais importante àquele que ligava em direção norte-sul, “São Paulo a Pôrto Alegre ou Viamão, no Rio Grande do Sul. Um outro corria de Lajes, no planalto de Santa Catarina, na direção leste até a costa e Florianópolis. As pessoas e o gado que percorriam essas estradas eram freqüentemente atacados pelos índios” (WAIBEL, 1949, p. 09).

Sob esta perspectiva o governo brasileiro decidiu que seria necessário colonizar essas matas, a fim de eliminar ou retroceder os índios. Como os colonos vindos de Açores e Madeira não tinham interesse de morar nas matas e sim nos campos e como em tratados com a Inglaterra o Brasil concordara em abolir a escravatura, acreditava-se na necessidade de um novo tipo de colono, “pequenos proprietários livres que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado” (WAIBEL, 1949, p.10).

Assim, após a década de 1820, as primeiras colônias alemãs se estabeleceram no sul do Brasil, sendo a primeira e uma das mais importantes a de São Leopoldo. Entretanto, enfatizando o estado de Santa Catarina, nota-se que este teve pouco êxito em sua colonização, ao passo que o governo demonstrava pouco interesse em um espaço territorial tão pequeno, deixando-a a cargo das colonizadoras particulares, conforme destaca Waibel (1949). Dessa forma, a colonização do Rio Grande do Sul e do litoral tinham esse sentido, a privada, como no oeste era em outro contexto, pós-contestado, para o governo a colonização foi uma;

política de povoamento e desenvolvimento de áreas desabitadas. Este tipo de colonização depende, em grande parte, de fatores políticos, que freqüentemente são instáveis e interferem com uma sã administração das colônias. Para uma companhia particular, colonização quer dizer negócio; ela quer ganhar dinheiro e é certo que o ganhará se conseguir uma boa qualidade de terra e gente também de boa qualidade. A administração se baseia estritamente em princípios econômicos e, em circunstâncias normais, não é prejudicada por interferência política. Esta é a razão pela qual as companhias particulares foram tão bem sucedidas na colonização do sul do Brasil, e Santa Catarina foi a região em que o princípio foi aplicado pela primeira vez em larga escala (WAIBEL, 1949, p.16).

A partir de 1919, após o final da questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, definindo o atual território catarinense e a Guerra do Contestado, o estado de Santa Catarina começou a concessão das terras sem levar em conta a questão dos posseiros que habitavam a região e já prevendo os conflitos que isso poderia gerar, se comprometia em manter a ordem nos núcleos coloniais, conforme destaca Werlang (2006). As terras, na maioria das vezes eram concedidas as empresas em troca da construção de estradas, que na maioria das vezes beneficiava a própria colonizadora.

Diversas empresas colonizadoras atuaram na região do oeste catarinense e destas, a Companhia Territorial Sul Brasil merece destaque. A atuação destas companhias pode ser observada no Mapa 1 - Ocupação do Médio e Extremo Oeste do estado de Santa Catarina. Entretanto, como estas terras já eram ocupadas por caboclos desde o final do século XIX, ocorreram diversas disputas e despejos dessa população, sempre amparados pelo Estado, pois

estes poderiam “atrapalhar” a comercialização das terras. Assim, conforme salienta Renk (2006) havia a necessidade de efetuar a limpeza da área.

Mapa 1- Ocupação do Médio e Extremo Oeste do estado de Santa Catarina



Fonte: PIAZZA, 1994, p, 252.

A baixa ocupação demográfica e o uso da floresta com poucas intervenções era a principal característica da paisagem regional. A colonização, iniciada na década de 1920, trouxe consigo novas concepções de uso e posse da terra, o que originou, a partir de então, um processo de intervenção humana e transformação da paisagem cada vez mais profunda, devastando a floresta para a formação de lavouras e a exploração de seus recursos madeireiros.

No caso da região onde atualmente se encontra o município de Pinhalzinho, com o início da colonização, a região também passou a receber a atuação de empresas madeireiras desde os anos 1940, convertendo espaços antes dominados pela floresta em terras destinadas a exploração agrícola e a produção de suínos e posteriormente a atividades do setor comercial e industrial (BAUERMANN; BRANDT, 2016, p. 01).

A origem da exploração do complexo madeireiro em Santa Catarina pode ser explicada pela disponibilidade abundante de recursos florestais, com destaque as araucárias. Goularti Filho (2001, p. 56) frisa que “[...] a extração da madeira constituía-se, na época, a fonte mais rápida, fácil e disponível de acumulação capitalista”, sendo que as próprias propagandas das empresas colonizadoras enfatizavam a exuberância das florestas do oeste catarinense.

Isso foi possível, pois “a derrubada das matas já fazia parte do processo de colonização, uma vez que, junto com os colonos, rapidamente foram instaladas serrarias, geralmente pertencentes a pessoas ou grupos que já tinham atuado no ramo madeireiro no Rio Grande do sul” (NODARI, 2010, p.141).

Ademais, por meio de entrevistas realizadas com moradores da região, é possível compreender melhor a atuação destas companhias e as relações estabelecidas entre elas e os caboclos, colonos e empresas madeireiras. Arno Jandt, morador da linha Pedra-Furada, área rural do município de Modelo relata que chegou a região em 1956, aos nove anos de idade, segundo ele em uma época onde as estradas eram abertas só para carroça e elas só desviavam os paus mais grossos. Em relação à situação da terra, menciona que:

só tinham roçado onde era o galpão, o resto era mato, aqui era tipo um capoeirão. De uma altura pra baixo, já tinham derrubado uns anos antes. E pra cima era tudo mato. Então o pai e a mãe começaram a derrubar o mato. No primeiro ano derrubaram até no chato. E para baixo tinha dois ranchos, onde tinham caboclos morando. Quando chegamos, eles já tinham ido embora, mas na terra do Helmut Conrad eles ainda estavam morando. Mas depois também se mandaram e foram mais pra baixo, numa outra terra da Companhia (JANDT, 2017, p. 02).

Bruno Zimmermann, residente na área rural do município de Bom Jesus do Oeste, nos conta que veio para Santa Catarina no ano de 1958 da comunidade Três de Maio pertencente ao município de Santa Rosa no Rio Grande do Sul. A vinda tinha por objetivo auxiliar na construção das primeiras benfeitorias da propriedade adquirida por meio da mesma Companhia do entrevistado anterior. Bruno enfatiza que neste primeiro momento existiam poucas serrarias particulares, as existentes pertenciam às empresas colonizadoras e serravam unicamente pinheiros, não fazendo uso das chamadas madeiras de lei.

Para que estas terras fossem adquiridas as empresas colonizadoras acompanhavam os possíveis compradores para visitas. Jandt (2017, p. 02) fez o seguinte relato:

o pai comprou esta de segunda mão, era de um Lamb de Cunha Porã, Norberto era o nome. Essa aqui já estava com a divisa aberta. Todos já sabiam até onde ía o que tinham comprado. A companhia estava junto quando o pai veio olhar essa terra, eles mostravam. Aqui até tinha um pique dos caboclos que moravam aqui, porque eles subiam a divisa, pegavam um travessão para Juvêncio e outro pra Cunha Porã pra comprarem o que precisavam. Por que não tinha nada de comércio aqui perto. Ou comprava em Cunha Porã ou em São Carlos. E quem abriu todas as divisas da companhia foi um tal de Valk, de Cunha Porã.

Nas falas dos moradores é possível notar a presença dos caboclos, antigos moradores da região que ocupavam a terra sob o regime da posse. Também é possível perceber a forma como estes se relacionavam com a terra, bem como os aspectos de sua cultura e identidade.

Nesse sentido, Zimmermann (2017, p. 02,03) quando perguntado sobre as formas de criação e cultivo antes da colonização salienta que:

Bom, naquela época, eles em verdade falavam dos intrusos [...], mas em verdade, em verdade, o nome deles era safristas³, os safristas. Então eles derrubavam o mato e daí aonde começava? Na beira da sanga, na baixada, então eles usavam a baixada, as terras mais beira-rio, por causa da água do bichinho. E então quando o milho estava na faixa de louro, porque as sementes eram tudo crioula, tudo tirada do paiol, semente não tinha selecionada, essas coisa que veio depois. Eles plantavam o milho e quando o milho chegava a lourar, largavam os suínos, um comprava do outro, é eles diziam os porcos, daquela vez o nome suíno não existia. Porque em verdade, o que eles tinham era porcos, eram os porcos pretos. Então eles deixavam o porco até terminar aquela dita lavoura de milho, até que ele consumia aquilo e daí levava no comércio. Então eles tocavam eles fora, às vez quilômetros e noites e noites que eles tocavam pra lá e pra cá até que eles chegavam numa estrada, às vez até perto do comércio tocava. E daí esse tal do porco ia pro frigorífico e de lá pra frente, daí é com caminhão, com outros meios de transporte. [...] Quando nos entramos na terra, esses que a gente usa palavra de caboclo, eles começaram a se afastar, porque eles não queriam ter suas vacas na sogá, o boi na sogá, isso era tudo solto. Então quando existiu regras, divisas, e o pessoal comprou da colonizadora a terra, então eles [...] começaram a se afastar, para o Paraná e foram subindo. Eles foram tipo sobrando aqui do nosso lado, por causa que eles não tinham esse sistema de cultivo como nós tinha. Esse sistema de cultivo, começamos bem, bem diferente do que eles. Então eram duas classes bem distantes, a classe deles não se encaixava com a nossa e a nossa com eles. E daí se afastaram, e assim mesmo, mesmo assim, o convívio que nós tinha com eles, era assim meio, meio normal, é, porque, houve muito respeito. [...] nós vivia muito bem no meio dessas pessoas.

Este relato nos permite refletir acerca do processo de colonização, tendo em mente as relações que se estabeleceram entre os colonizadores e os colonizados ao longo deste processo. Nota-se que sobre este território foram construídas uma gama de relações que envolviam os diferentes modos de vida, de trabalho e de produção, nos quais os colonos tiveram sua imagem positivada e os antigos moradores negativada. Arlene Renk trabalha essa imposição do colonizador sobre o colonizado, onde o colonizado, por meio das estratégias utilizadas pelas empresas colonizadoras eram afugentados ou expulsos das terras que pelo regime de posse, eram suas por direito. Nas palavras de Zimmermann (2017, p.03):

[...] as companhias começam a destruir as moradas desse tipo de gente que era os tal de safrista, mas eles gradualmente deixarem as moradas e foram embora e aqueles que não deixaram, deram um dinheirinho ou assustavam eles, porque o, o, o, essa gente morena tinha muito medo, qualquer um, um sinal da noite, um fantasma, no outro dia limpava o acampamento.

João Schmatz (2017, p. 02), ao descrever a chegada de seus pais ao município de Pinhalzinho, notabiliza que:

[...]Pinhalzinho nem existia, era uma vilazinha. Tinha uma ou duas casinha e já foram começando a comunidade [...]. Quando eles vieram aqui predominava a origem de caboclos, que na nossa comunidade, na Machado na época chamavam de

³Denominação que alguns colonos utilizavam ao referirem-se aos caboclos que moravam na região e criavam suínos. Ademais, os safristas também podiam ser colonos oriundos que ao não conseguirem adaptar seu modo de produção as novas terras, acabaram utilizando práticas caboclas.

posseiro. Também tinha um grupo de caboclos que invadiram uma área de um dono de terra que era do Rio Grande do Sul, eles tinham invadido essa terra, tinham tomado posse. Daí viveram com eles vários anos, depois até que via judicial, deu a reintegração da terra pro dono, daí esses posseiro tiveram que sair.[...] inclusive a comunidade que moramos, o nome Machado é porque a família maior era os Machado [...] homenagem àquelas pessoas.

Destes posseiros, poucos possuíam poder aquisitivo e as informações necessárias para enfrentar o trâmite da legalização das terras e assim tinham seus pedidos negados pelo governo do estado, sob a alegação de que as terras não seriam devolutas e assim podiam ser repassadas as colonizadoras (WERLANG, 2006, p.75). E é por isso que eles eram acusados de invadirem terras e eram obrigados a deixá-las via judicial. Assim, os posseiros possuíam apenas duas alternativas: adquirir a terra das empresas colonizadoras ou ser desalojado.

Na medida em que a colonização avançava os posseiros iam sendo excluídos e o modo de vida dos colonos prevalecia. Na “região de Saudades, Pinhalzinho e Modelo, havia muitos, mas aos poucos eram varidos” (WERLANG, 2006, p. 76). Desta maneira, os primeiros núcleos de povoamento foram sendo formados no oeste catarinense associando expropriação dos posseiros, a exploração madeireira e ao cultivo das terras.

No contexto descrito evidencia-se a parceria estabelecida entre a colonizadora e as empresas madeireiras, pois, assim a área ficaria livre para a produção agrícola e as empresas obteriam sua matéria prima. Portanto, depreende-se que a derrubada das matas já fazia parte do processo de colonização, uma vez que muitos dos colonos já haviam trabalhado com a exploração madeireira no Rio Grande do Sul.

Desta maneira, pode-se perceber que a devastação da floresta era vista como uma transformação ambiental a fim de efetivar uma ideologia do “progresso”, aproveitando o que era rejeitado pela população cabocla, caracterizando a floresta como um empecilho para os colonos. Sendo assim, a questão não era simplesmente destruir a floresta, mas o modo como esta seria utilizada. Logo, “a colonização representou uma mudança relativamente acelerada. Introduziu valores externos, deixando a população local as alternativas: adaptar-se ou ser excluída” (RENK, 2006, p. 117).

A escolha dos grupos para povoar os núcleos dependia das estratégias empregadas pela empresa ou empresário dedicado à venda da área. A vista disso foram formados núcleos de italianos de credo católico, alemães católicos e luteranos, italianos e poloneses católicos, teuto-russos luteranos e católicos. A Companhia Territorial Sul Brasil, por exemplo, optou pela divisão confessional de seus lotes, “demarcando os núcleos de Palmitos e Cunha Porã

aos colonos alemães luteranos e os núcleos de São Carlos e Saudades couberam aos colonos alemães católicos” (ONGHERO et al., 2017).

Em boa parte do oeste catarinense, o modelo adotado pela colonização permitiu a formação de uma sociedade de pequenos produtores, em pequenos lotes. Além disso, também era necessária a produção de um pequeno excedente para que houvesse a troca com os produtos que não conseguissem produzir. Ademais, parte desta produção também era destinada aos animais. Nesse sentido Jandt (2017, p. 02) relembra:

No primeiro ano foi derrubado até no chato, essa madeira foi queimada entre novembro e dezembro, isso queimou tão forte que virou tudo cinza. Como não tinha ninguém que pegava aqui essa madeira para serrar, era tudo madeira de lei, a gente queimava e era tudo pinheiro. No fim o pai arrumou uma serraria na Juvêncio que pegou umas toras de pinheiro para serrar e daí construímos a estrebaria e o resto foi queimando e apodrecendo e a gente colocava fogo em cima pra poder lavar e nem motosserra tinha. Nos primeiros anos era tudo de enxada porque não tinha como lavar no meio das árvores. O primeiro ano depois que derrubamos tudo, plantamos trigo e depois colocava fogo na resteva do trigo e plantava milho [...] plantava milho comum, mandioca pros porco e pras vaca, feijão e tudo para o gasto, como trigo pra farinha. Dava de tudo porque as terras eram novas. Batatinha dava muito e o trigo levávamos no moinho. Plantava pra ter farinha para o ano todo.

Os relatos de Zimmermann (2017, p. 08, 09) reforçam o modelo de produção e os cultivos empregados pelo colono, ao nos dizer:

É como eu falei do início, foice e machado no primeiro ano. E no segundo ano fogo e mais fogo. Então os paus grossos ficavam por último, mas os galhos tentava queimar, destruir, pra poder cultivar. Daí depois usava o serrote pra cortar, pra poder lavar com arado, com boi, mas isso demorou muitos anos pra tu poder. [...] No início ali, era milho pra consumo, arroz pra consumo, farinha de trigo, seria o trigo pra consumo, milho sobrava um pouco pra venda e daí depois quando o milho começou, entrou o tal do suíno.

Portanto, através do exposto é possível depreender que “o processo de apropriação privada da terra, efetivado com o avanço da colonização, se deu a custa da marginalização, principalmente das populações caboclas e indígenas” (RADIN; VICENZI, 2017, p.100).

2.2 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO OESTE CATARINENSE

Considerando o modo de vida e de cultivo empreendido pelo colono, chegou um tempo em que as percepções acerca do mundo rural definiam-no enquanto lugar pacato, lento e sossegado em meio a um contexto, entre os anos de 1940 e 1950, onde o país passava por grandes transformações que o conduziam a tornar-se urbano e industrial. Tal fato proporcionava marcante contraste entre campo e cidade, no qual as cidades eram tidas como sinônimo de futuro e progresso à medida que o rural era associado ao passado e conseqüentemente à ideia de atraso. Nesta perspectiva, nos centros urbanos se discutia a

modernização, enquanto no oeste catarinense, o colono não tinha nem estrutura para escoar a produção.

Esta época foi marcada por “uma ampla discussão e participação política em torno das perspectivas do desenvolvimento do país” (GONÇALVES NETO, 1997). Nestas discussões, a agricultura era vista sob duas perspectivas, para alguns como um entrave ao desenvolvimento econômico e para outros ela possuía funcionalidades que serviriam ao processo de desenvolvimento.

O autor aponta que esses entraves estariam relacionados à arcaica estrutura agrária brasileira, centrada no latifúndio, onde a agricultura: não oferecia produção compatível com a demanda e os preços dos produtos tenderiam a subir mais que os preços dos produtos industriais; se mantinham as arcaicas formas de produção baseadas na parceria ou na servidão; e a manutenção das técnicas arcaicas não tornava viável o desenvolvimento industrial. Já as funcionalidades da agricultura estariam conectadas a uma superprodução, que para ser efetivada necessitava de uma ampla modernização agrícola.

Esse contexto nacional ia de encontro com uma nova tendência mundial, que após a Segunda Guerra Mundial difundia a crença da possibilidade da abundância de alimentos e como decorrência o fim da miséria e da fome. Estes ideais seriam possíveis graças aos avanços tecnológicos marcados pelo controle dos processos naturais.

Foram esses ideais que deram origem a chamada Revolução Verde, programa internacional iniciado em 1943, objetivando a criação de sementes eficientes para diversos tipos de solo e clima, bem como resistentes a pragas e doenças. Assim, o uso dessas novas tecnologias propiciou novas práticas de trabalho no campo. A Revolução Verde;

[...] foi proposta e implementada por vetores externos como as instituições dos EUA e multilaterais (Fundação Ford, Fundação Rockfeller, Banco Mundial e USAID) com a cooperação de instituições nacionais espalhadas em diferentes países. No Brasil, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), criada em 1973, foi a principal difusora dos novos sistemas técnicos agrícolas. Estes eventos configuraram a constituição de uma nova situação geográfica. As técnicas de produção precedentes não desapareceram, mas foram as novas técnicas introduzidas pelo paradigma da Revolução Verde que se tornaram as variáveis-chave daquele período. Não é apenas a agricultura que se modernizou, mas todos os usos do território, que passaram a ter conteúdos cada vez maiores em técnica, ciência e principalmente informação (FREDERICO, 2008, p. 138, 139).

A modernização da agricultura, nos moldes da Revolução Verde também contribuiu para a economia agroindustrial das regiões, pois segundo Graziano Neto (1986) ela não é outra coisa, para ser mais correto, que o processo de transformação capitalista da agricultura,

que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente. Elias (2003) aponta como a reestruturação do setor agrícola culminou em profundas transformações econômicas e, conseqüentemente, socioespaciais, sustentadas pela incorporação de ciência, tecnologia e informação, visando o aumento da produção e da produtividade.

Já Elias (2006) ressalta que a partir da década de 1980, a reestruturação produtiva da agropecuária intensificou-se, mas privilegiou áreas, produtos e segmentos sociais. Isto, para a autora acarretou profundos impactos sociais, territoriais e ambientais que culminaram na elevação da histórica concentração da propriedade da terra, num processo de oligopolização do setor agropecuário em transformações das relações sociais de produção, na fragmentação do espaço agrícola e no incremento da urbanização, fortemente influenciados pela globalização. Nesta ótica Almeida (2010) ressalta que a modernização da agricultura teve por base um modelo de produção sustentado por um “pacote tecnológico”. No período mencionado;

Os eventos mais marcantes para a agricultura [...] foram a modernização, industrialização e conseqüente formação dos complexos agroindustriais – CAI. Estes eventos marcam a difusão do meio técnico científico e informacional no campo brasileiro, por meio: da disseminação do pacote tecnológico da Revolução Verde; da mecanização da agricultura; da internalização da indústria de insumos agrícolas; do financiamento estatal e da especialização do trabalhador agrícola. Estes fenômenos aprofundaram a divisão territorial do trabalho levando a uma conseqüente especialização produtiva das regiões agrícolas (FREDERICO, 2008, p. 139).

Foi nesta conjuntura que se inicia o processo de modernização agrícola no qual, ocorreu a inserção de novas tecnologias no campo, as quais estavam sendo criadas por empresas capitalistas, conforme discute Lohn (2004). A “necessidade” de uma modernização se efetivava, pois,

era o momento em que o pensamento dualista tratava de dotar a oposição entre cidade e campo de uma dimensão teórica, encarando-a como uma contradição entre o moderno e o arcaico. O meio rural foi identificado como o lugar do atraso, sendo que a raiz do subdesenvolvimento do país encontraria-se nos obstáculos que o Brasil agrário impunha ao Brasil do progresso. Em Santa Catarina, no mesmo período, foi comum a ocorrência de um discurso similar, no qual o Estado aparecia em situação retardatária em relação ao restante do país (LOHN, 1997).

Neste contexto, considerando o oeste catarinense, o papel do Estado foi preponderante na modernização agrícola e na conseqüente expansão do capitalismo no campo. Para Alba (2008, p. 34) a necessidade do capitalismo se expandir no campo obrigou o Estado a orientar diversas políticas, com capacidade de instrumentalizar (com saber técnico e com equipamentos) os agricultores e suas propriedades, o que beneficiou diretamente a expansão capitalista agroindustrial, característica da região. Assim a passagem do complexo rural aos

agroindustriais levou a um seccionamento da propriedade e das atividades agrícolas. Alba (2008, p. 35) indica cinco vias pelas quais o papel do estado pode ser percebido no oeste de Santa Catarina:

- 1) pesquisa e extensão agropecuária;
- 2) financiamento agrícola e industrial;
- 3) construção de infra-estrutura (estradas, energia elétrica, pontes, etc.);
- 4) fiscalização e controle de sanidade animal;
- 5) envolvimento político dos donos do capital agroindustrial.

Considerando a primeira via proposta por Alba (2008), o estado passou a investir em projetos de pesquisa e de extensão agropecuária que pudessem atuar na tecnificação dos agricultores, conforme será abordado na sequência.

2.3 A ATUAÇÃO DA EXTENSÃO RURAL COMO DIFUSORA DOS IDEAIS DE MODERNIZAÇÃO NO OESTE CATARINENSE

Sob esta nova lógica de produção, em 1956 é criada a ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural), tendo por objetivo promover no estado catarinense o serviço de Extensão Rural, no qual, os técnicos, por meio de visitas aos agricultores deveriam estimular nestes os ideais da modernização agrícola. Quando o programa é criado, as ações do poder público relacionado ao meio rural e propriamente à pequena produção familiar norteavam-se por um conjunto de imagens e discursos nem sempre homogêneos. Assim;

Em princípio, os extensionistas dirigiam-se a um grande número de pequenos proprietários cuja origem étnica — muitos descendentes de alemães e italianos — era historicamente valorizada por sua aptidão ao trabalho, idéia ancorada em argumentos imigrantistas que remontavam ao século XIX. Nos discursos e falas oficiais sobre o “homem do campo” catarinense encontramos, na documentação produzida por órgãos do Estado, a preocupação em ressaltar-lhe a laboriosidade e o esforço (LOHN, 2008, p.09).

Os estudos publicados acerca da Extensão Rural demonstram que o processo de modernização acelerada dos processos produtivos agrícolas acabou ampliando a expansão capitalista no campo sem apontar para transformações que seriam necessárias na estrutura agrária. Foi desta maneira que ocorreram mudanças na base técnica agrícola e o complexo agroindustrial teve grande crescimento. Em paralelo, as técnicas produtivas prescritas pela Extensão Rural foram introduzindo novos padrões de trabalho aos pequenos produtores. Era um discurso de valorização da tecnologia e de seus efeitos para a superação do atraso do agricultor sempre ressaltando a autoridade dos técnicos. Relembrando a chegada dos técnicos, Zimmermann (2017, p. 09) aponta:

[...] em 1970/72, daí veio o tal do agrônomo. Era o Lanznaster. Ele era o presidente da Aurora depois. O Mário Lanznaster era o nosso primeiro agrônomo que veio, e daí ele falava daquela tal de semente selecionada, a ração pra suínos, (acredita) nós

tinha dia de campo pra aprender essas coisas. Nós levava uma lona, fazia uma quirera, e daí ele dava os ingredientes para fazer a tal de ração, aquele tal do cocho seco que na época se falava, e nós preparava a ração lá na técnica pra aprender a preparar em casa.

O agricultor também recorda de outras técnicas trazidas pelo agrônomo como a análise de solo para posterior aplicação do calcário e a diferença entre o trato da ração e lavagem⁴. Ele também menciona o discurso que justificava o melhoramento genético dos suínos, onde este deveria produzir cada vez menos banha para que fosse saudável, popularizando o óleo de soja. Ainda sobre o trabalho da ACARESC, Jandt (2017, p. 03) evidencia que;

Eles tinham um extensionista e um agrônomo. A extensionista se chamava Maria de Lurdes e ela trabalhava mais com o que era pra dentro de casa, tipo pra horta. Os agrônomos eram pra roça e esses faziam as reuniões e nos íamos. As reuniões enchiam, eles também faziam demonstrações de como plantar. O atual presidente da Aurora, o Mário Lanznaster, era o agrônomo que atuava em Modelo.

Muitas vezes essas demonstrações eram publicadas em jornais, tendo por objetivo mostrar o trabalho realizado pela instituição. O Jornal OESTÃO de 1978 possuía uma coluna exclusiva para demonstrar os treinamentos realizados pela ACARESC, de acordo com o que pode ser visto na Figura 1.

Figura 1- Treinamentos da ACARESC para produção de hortaliças



Fonte: OESTÃO. Chapecó, ano I, n. 33, 17 de novembro de 1978. Acervo do CEOM.

⁴Era uma espécie comida cozida. Uma mistura de batata, abóbora, mandioca, moranga, melancia, sal, quirela (milho moído), soja, o que tinha (ZIMERMANN, 2017).

A reportagem da ênfase a um projeto voltado a capacitação de mão de obra voltada a produção de hortaliças durante todas as épocas do ano. Realça ainda que 188 pessoas estavam sendo “treinadas” em 11 comunidades interioranas do município de Palmitos/SC, com um curso de 34 horas de duração.

Nesta perspectiva, Schmatz (2017, p. 05) conta sobre outros treinamentos realizados pela ACARESC:

[...] quando entrou a ACARESC, uma das primeiras coisas que fizeram foi o terraço e era feito a boi, era um preparo no arado que eles abriam o terraço, faziam curva de nível e isso aconteceu aqui em casa, na época quando o Paulo Junqueira veio ser o primeiro agrônomo da ACARESC em Pinhalzinho, eu lembro, desse arado eu lembro muito bem. Ele era uma tábua, com uma parte de ferro embaixo que puxava a terra pra abrir a curva de nível. E então desde aquela época a tecnologia começou a entrar e depois cada vez mais aparecia.

Nota-se nas palavras de Lohn (1997, p.08) que os discursos e ações da ACARESC permitem vislumbrar a elaboração e formulação de um projeto político com vistas a construir novos tipos de sujeitos sociais, um novo tipo de agricultor em Santa Catarina, envolvendo um confronto entre visões de mundo, culturas e modos de pensar diferentes. Além disso, para ele mais do que a subordinação material ao desenvolvimento capitalista, caberia atuar como um poder simbólico, capaz de legitimar o saber técnico. Ao rememorar sobre a chegada dos primeiros agrotóxicos a região, Jandt (2018, p.03) revela;

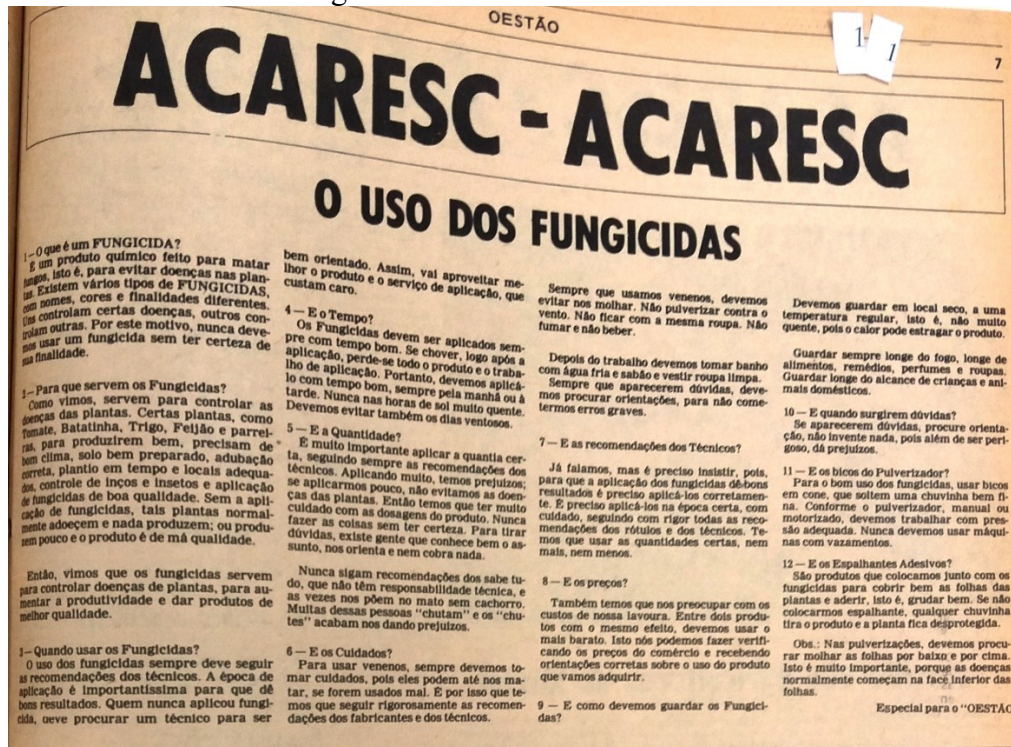
[...] Ainda sobre o veneno, foi mais o menos 1994, fui dos últimos, porque enquanto tinha mão de obra nos carpia. Eu não queria usar. Mas só comecei porque dava pra ver que era mais rápido. Mas hoje não tem mais como voltar atrás porque até as sementes são pra isso. Pode passar veneno nelas que não faz nada. Mas é claro que pra saúde das pessoas e pros animais que comem este milho, não sei se isso é bom.

Jornais do final da década de 1970, como o exposto na Figura- 2, auxiliavam na “conscientização” dos agricultores em relação aos benefícios do uso de fungicidas, salientando aspectos como: o que são, para que serve, quando usar, quanto tempo, quantidade, efeito, cuidados, orientações técnicas, preços, armazenagem, dentre outros.

Ao discutir a história do uso de agrotóxicos em Santa Catarina, considerando sua percepção entre os anos de 1950 e 2002, Carvalho, Nodari e Nodari (2017, p.78) mencionam que os agrotóxicos;

Eram parte do pacote tecnológico da modernização agrícola ou revolução verde e, portanto, sua percepção e sua utilização estavam totalmente conectadas com uma série de tecnologias agrícolas, como fertilizantes sintéticos, calcário, tratores, sementes certificadas e demais implementos agrícolas.

Figura 2- ACARESC: uso de fungicidas



Fonte: OESTÃO. Chapecó, ano I, n. 38, 24 de dezembro de 1978. Acervo do CEOM.

Assim, é possível depreender que muitos agricultores não concordavam com os moldes impostos pela modernização, mas acabaram se inserindo devido à vontade de permanecer no campo. E é por isso os projetos desenvolvidos pela ACARESC objetivavam atingir diretamente a família do agricultor, agindo sobre os costumes, os comportamentos e as formas de trabalho.

Nota-se também que o serviço de Extensão Rural em Santa Catarina tinha como pretensão levar a modernização por meio da tecnologia e insumos industriais apenas para os que estivessem aptos, principalmente a empréstimos bancários, fazendo com que o capital selecionasse os agricultores (LOHN,1997, p. 18). Lanznaster (2017, p.04) engenheiro agrônomo da ACARESC, quanto à criação de suínos, destaca que os extensionistas “compravam, financiavam, faziam financiamento pros agricultores, traziam, financiavam chiqueiro também, essas coisas todas pra eles criarem bem”. Também ensinavam técnicas para produção de ração e trabalhavam questões relacionadas ao plantio;

[...] Ai nós fizemos lá em Modelo um trabalho com os agricultores da linha Salete, lá bem pertinho da Pedra Furada. A gente fazia lavoura demonstrativa lá perto da escola. Então a gente pegava um terreno. Pegava esse terreno e dividia, fazia uma escolha, o terreno daqui até aqui plantava dois sistemas novos como é o indicado, daqui pra lá pode plantar como eles quiserem! Então pra cá plantava com eles queriam, pra cá, tamanho do terreno igual, o volume de milho igual, peso de grãos de milho e depois na hora da colheita chamava todo mundo, e agora vamos colher pessoal? O sistema que a gente recomendava não precisou fazer nem duas vezes,

pronto já pegou. Por que? Porque se aproveita melhor o terreno porque quando a planta vai receber a luz solar, se ela está muito clara aqui, ainda sobrava sol ao redor aqui, aquele sol devia estar em cima da planta pra gerar a fotossíntese, né, porque o maior laboratório do mundo não sabe o que é a natureza. Então com o sol você colhia mais milho, então já foi, ganhamos de cara (LANZMASTER, 2017, p. 10).

Além das estratégias mencionadas, para superar as supostas “barreiras” ao desenvolvimento agrícola catarinense, “os extensionistas foram ao campo dispostos a transformar mentes e hábitos, através da utilização intensiva de diversos recursos, como o rádio e, mais tarde, a televisão” conforme ressalta Lohn (1997, p. 68). Entretanto, além destes nota-se na região os jornais como importantes difusores desta modernização empreendida pelos técnicos. Eles constituíram-se em importantes meios de propaganda das novas tecnologias voltadas ao meio rural. Isso pode ser percebido amplamente nas propagandas de maquinários agrícolas conforme demonstra a Figura 3.

Figura 3- Propaganda de maquinário agrícola nos anos de 1970

**Colheitadeira
NEW HOLLAND
nacionalíssima.**

MODELO CLAYSON 1530

A Colheitadeira New Holland - modelo Clayson 1530 - acaba de atingir o índice de nacionalização. Por isso o Banco Central aprovou novas e amplas faixas de financiamento. Agora você pode comprar a sua, ainda mais facilmente, com a certeza de estar adquirindo um equipamento indiscutivelmente superior e perfeitamente adequado às condições da agricultura brasileira.

**AGORA COM
NOVAS
FACILIDADES
DE
FINANCIAMENTO.**
100 %

NEW HOLLAND

CLAYSON

Visite o seu revendedor
SPERRY NEW HOLLAND

BODANESI & BONA LTDA.
Rua Olavo Bilac, 54 - Fone 458 - XANXERÊ - Sta. Catarina

Fonte: Tribuna do Oeste, Xanxerê, ano I, n. 55, 28 de agosto de 1976. Acervo do CEOM.

Presente no Jornal Tribuna do Oeste (1976) além de evidenciar que a colheitadeira era “ideal para agricultura brasileira”, a propaganda frisava as facilidades de financiamento e parcerias com o Banco Central, demonstrando que qualquer agricultor poderia adquiri-la a fim

do melhoramento de sua propriedade. Já o recorte da Figura 4, pertencente ao mesmo jornal e ano, expõem novos elementos como rendimento, capacidade, durabilidade, qualidade, versatilidade, conforto, assistência técnica, preço e formas de financiamento.

Figura 4- Propaganda demonstrando o custo benefício da colheitadeira New Holland modelo Clayson 1530

Superioridade indiscutível.
A colheitadeira New Holland mod. Clayson 1530 tem tudo o que você precisa e muito mais do que você espera.

Rendimento
Devido à sua avançada tecnologia, a New Holland mod. Clayson 1530 apresenta um alto rendimento de trabalho, garantindo ao máximo o aproveitamento da safra. O eficiente Sistema de Alimentação Constante garante a carga ideal do cilindro, sob todas as condições, e proporciona uma colheita rápida, sem problemas, com maior desempenho.

Capacidade
A elevada capacidade do modelo Clayson 1530 está na plataforma de corte com 3,96 m de largura com compensação hidro-pneumática; controle de altura de corte uniforme; no molinete de seis barras que movimentam o cereal trazendo-o sem perdas à barra de corte; no cilindro de 600 x 1000 mm com alta capacidade de debulha; na grande superfície do saca-palha (3,72m²) e nas peneiras de separação (2,65m²). Um eficiente sistema de ventilação garante uma limpeza perfeita. O potente motor de 115HP SAE proporciona boa reserva de potência mesmo nas condições mais difíceis. As grandes dimensões do tanque graneleiro (2600 litros ou perlo de 34 sacas) evitam perdas de tempo com descarga, que em poucos segundos é completada. Com a New Holland mod. Clayson 1530 você está na vanguarda em toda a colheita.

Durabilidade
O robusto chassi do modelo Clayson 1530 permite que todas as peças trabalhem com o mínimo de vibrações ou trações, garantindo longa duração. Todos os componentes são separadamente pintados antes da montagem final, visando obter a máxima proteção contra as intempéries. A New Holland mod. Clayson 1530 garante alto rendimento e máxima capacidade por muitos anos.

Qualidade
A qualidade New Holland está presente em cada um dos componentes. Sob um revolucionário e moderno sistema de testes, cada peça ou componente do mod. Clayson 1530 é testada antes e depois da montagem final. New Holland é qualidade à toda prova.

Versatilidade
A versatilidade New Holland dá a você condições para trabalhar em uma grande variedade de colheitas, com um excelente desempenho em trigo, soja, arroz, milho e serentes. A adaptação às diversas variedades é simples, rápida e eficiente. A 1530, além da potência necessária, tem também resistência e autonomia em condições mesmo desfavoráveis.

Conforto
A facilidade de acesso aos comandos, a visibilidade dos instrumentos de controle, o posicionamento do motor, atrás do tanque graneleiro, o confortável assento, a direção hidráulica e a localização da plataforma do operador permitem uma condução mais silenciosa, mais limpa e mais agradável, com ampla visibilidade sobre o trabalho a ser executado. O conforto e a segurança do operador são a garantia de uma continuidade de trabalho eficaz.

Assistência Técnica e peças
A manutenção de rotina é simples, rápida e econômica. Uma ampla rede de representantes, com pessoal técnico especializado e peças genuínas, é garantia de continuidade de trabalho e pronto atendimento.

Preço
O alto rendimento por hectare, a capacidade, a qualidade e a perfeição na colheita dos grãos resultam no menor preço, proporcionando-lhe o maior lucro e fazendo da New Holland mod. Clayson 1530 a sua melhor escolha. Economize adquirindo uma New Holland mod. Clayson 1530.

Financiamento
De fabricação nacional, a New Holland mod. Clayson 1530, perfeitamente adaptada à agricultura brasileira, mantendo a qualidade e performance que sempre a tornou a mais desejada, oferece melhores condições de financiamentos. Para maiores informações, consulte a

SPERRY NEW HOLLAND
Eixo Industrial, km 11,5 - Cidade Industrial
Curitiba, Paraná, Tel.: 46-1320



Fonte: Tribuna do Oeste. 10 de outubro de 1976. Acervo do CEOM.

Considerando o exposto, depreende-se que chegada dos sistemas técnicos agrícolas (RAMOS, 2006) faz com que os espaços agrícolas tendam a se especializar e se tornarem cada vez mais complexos, assim, por um lado avolumam-se os fixos e por outro aumenta seu dinamismo (SANTOS 1988; 2006). Assim, a partir dos anos 1970, é possível notabilizar na região um aumento da tecnificação agrícola por meio de anúncios de máquinas, ofertas de crédito, campos demonstrativos, etc.

Desta maneira, “o uso do espaço agrícola é marcado pela incorporação e interdependência de novos objetos técnicos, regulados por normas que facilitam seu controle e funcionamento” (RAMOS, 2006, p. 384). Isso ocorre, pois a expansão do uso de instrumentos técnicos se materializa sob diferentes formas no tempo e no espaço. O resultado disso são densidades técnicas desiguais, conforme aborda Santos (1994) ao trabalhar com “espaços luminosos e opacos”.

Esses sistemas de objetos técnicos mantêm e regulam o processo de modernização dos agricultores ao darem condições de circulação aos produtos e “capacitação” aos agricultores e o que antes era feito através dos extensionistas e campos de demonstração encontra hoje novas possibilidades, dentre as quais estão às feiras/ exposições agropecuárias.

Elas surgem com o intuito de transformar os tradicionais dias de campo em grandes eventos, onde as empresas podem demonstrar aos agricultores novas técnicas e tecnologias num mesmo espaço, possibilitando a comparação instantânea entre as mesmas. E é por isso que essa pesquisa visa nos próximos capítulos compreender de que maneira o Itaipu Rural Show, enquanto instrumento técnico atuante influência na difusão da tecnificação agrícola e nas transformações socioespaciais da agricultura do oeste catarinense.

3. FEIRAS AGROPECUÁRIAS E EXPOSIÇÕES: UMA VITRINE DA TECNIFICAÇÃO AGRÍCOLA

A tecnificação da agricultura sob a égide do agronegócio vem apresentando grande expressividade e reflexo na economia nacional, ao passo que ela está ligada a obtenção de uma gama de novos equipamentos e serviços. A fim de difundir esta modernização, feiras agropecuárias e exposições são realizadas em todo o país. Ademais, nestes locais há;

um maior incentivo ao melhoramento genético de animais, adoção de novas tecnologias, para motivar uma maior integração funcional do setor agropecuário, não esquecendo que esse tipo de evento movimentava o comércio e gera empregos temporários. Ele mobiliza também o setor de serviços, além de servir como forma de divulgação de novas pesquisas e projetos de instituições públicas e/ou privadas, e como consequência atrai um grande número de pessoas (BARBOSA, 2005, p. 23).

Nota-se que este tipo de evento cresce e se desenvolve na medida em que o Brasil aumenta sua produção agropecuária. Desta maneira, Barbosa (2005, p. 24) afirma que algumas feiras “possuem um caráter que visa à venda e a implantação de novas tecnologias e produtos, e outras têm como objetivo central a exposição e a venda de animais”.

Logo, estes eventos se adaptam e se modelam às mudanças do setor agropecuário, trazendo a cada edição novidades e investimentos na área de genética, estandes com exposição de máquinas agrícolas, automóveis, empresas de melhoramento animal, vegetal, insumos e outros, além da presença de instituições como universidades e cursos técnicos que ofereçam capacitações e de bancos oferecendo diversas linhas de crédito. Isto posto, as feiras/exposições possuem caráter e perfis diferenciados, ou seja, todas buscam o desenvolvimento do agronegócio, mas se adaptam conforme o tipo de frequentadores e atividades desenvolvidas em sua região de abrangência.

Considerando o exposto, não há uma precisão do período em que as primeiras feiras foram realizadas, mas as Exposições Universais aparecem nos primeiros registros. O ideal destas feiras era mostrar o progresso dos países, uma espécie de vitrine do que mais havia de moderno em cada país. A torre Eiffel, por exemplo, foi erigida como um símbolo econômico, político e técnico para uma destas exposições.

Neste sentido, Lilia Moritz Schwarcz (1998) em sua obra “As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos” enfatizava a figura de um monarca inventor que buscava levar aos demais países uma visão “progredida” do país através de uma voga científica. No entanto, nada combinava melhor com esse monarca que se auto-representava como “moderno, cosmopolita e cidadão” do que o espetáculo das Exposições Universais.

As primeiras Exposições Universais foram realizadas a partir de 1851 e nelas se reuniam, num mesmo espaço, representantes das regiões em expansão (países europeus e Estados Unidos), das regiões em regime colonial e das regiões distantes (do ponto de vista imperialista), as quais se constituíam como fontes de matérias-primas, como a América Latina (BARBUY, 1996). Assim,

surgidas em meados do século XIX, com o capitalismo industrial, essas feiras eram a melhor expressão da força e da utopia modernistas. Sua origem data do final do século XVIII, quando as primeiras exposições foram realizadas na França e na Inglaterra. Organizadas nacionalmente desde 1844 (em países como Bélgica, Prússia, Áustria e Espanha), é só a partir de 1851 que se transformam em mostras internacionais, contando com a participação de representantes europeus, americanos, orientais e africanos. Essa primeira exibição, que durou 141 dias, apresentava um tipo de estrutura que vingaria nas demais. Trinta e quatro países aceitaram o convite, e seus produtos foram observados por mais de 6 milhões de pessoas que visitaram a feira (SCHWARCZ, 1998, p. 573).

Ainda segundo a autora, os produtos expostos eram divididos nos seguintes grupos: maquinarias, matéria-prima, manufaturas e belas-artes. Essa classificação garantia por sua vez que todos os países participassem e contribuíssem de diferentes maneiras, para o sucesso da feira. Percebe-se que essa exposição idealizada por intelectuais, políticos e empresários como um local de exibição de produtos, técnicas e novas ciências, apresentava os avanços de uma nova classe consolidada em meio à Revolução Francesa e Industrial, a burguesia. Portanto, as feiras eram apresentadas como;

[...] uma espécie de parque de diversões para adultos, as exposições compreendiam, como revela o texto, lógicas diferentes: saciavam a simples curiosidade, exibiam o exótico, mas também revelavam o progresso. Eram até mesmo um grande negócio, em razão não só do número de visitantes como também dos acordos que lá se realizavam, sobretudo nas sessões de maquinarias e matéria-prima (SCHWARCZ, 1998, p. 574).

Entre os anos de 1851 a 1915 foram realizadas trinta e quatro Exposições Universais, tendo o Brasil participado de várias delas. De acordo com os dados extraídos de Schroeder-Gudehus & Rasmussen (1992: 58-179) citado por Barbuy (1996, p. 212), a participação do Brasil nas principais exposições deu-se da seguinte forma:

Tabela 1- Participação brasileira nas Exposições Universais⁵

ANO	CIDADE	NÚMERO TOTAL DE EXPOSITORES	NÚMERO DE EXPOSITORES BRASILEIROS	PAVILHÃO DO BRASIL
1851	LONDRES (REINO UNIDO)	14000	4	NÃO
1862	LONDRES (REINO UNIDO)	23954	230	NÃO
1867	PARIS (FRANÇA)	52200	1339	NÃO
1873	VIENA (ÁUSTRIA)	53000	NÃO CONSTA	NÃO
1876	FILADÉLFIA (ESTADOS UNIDOS)	30864	436	SIM
1889	PARIS (FRANÇA)	61722	438	SIM
1893	CHICAGO (ESTADOS UNIDOS)	70000	NÃO CONSTA	SIM
1904	SAINT-LOUIS (ESTADOS UNIDOS)	15009	1440	SIM
1905	LIÈGE (BÉLGICA)	15000	NÃO CONSTA	NÃO
1906	MILÃO (ITÁLIA)	27000	NÃO CONSTA	NÃO
1910	BRUXELAS (BÉLGICA)	29000	1445	SIM
1913	GHENT (GAND - BÉLGICA)	18932	2	NÃO

Fonte: Schroeder-Gudehus & Rasmussen (1992: 58-179).

Elaboração: da autora.

Nos relatos de Barbuy (1996), dentre estas participações a de 1889 foi a de maior significância para o Brasil e também para o país sede (França), pois, além de comemorar o centenário da Revolução Francesa, a Torre Eiffel foi construída nela e para ela ao passo que o último governo monárquico americano (Brasil) apresentou-se ali pela última vez. Ademais, era como se o evento representasse o descortinar do Brasil pra um novo mundo, repleto de possibilidades.

Quanto ao quesito organização, a Exposição Universal concebida sob a égide do imperialismo buscava destacar a união em meio a um mundo dividido por meio do convite da nação sede as demais. Estes convites permitiam a criação de um vínculo entre as nações, até mesmo com as consideradas “não civilizadas”.

A partir da Tabela 1, também é possível perceber que após a exposição de 1862, em Londres o Brasil passa a ter presença frequente na exposição. Como era necessário mudar a face do país em relação às outras nações, demonstrando uma nação moderna e civilizada, algumas medidas eram tidas como fundamentais pelo imperador. O monarca passou a investir privadamente na construção do estande brasileiro e para isso havia uma sistemática interna a fim de garantir o sucesso na construção do pavilhão nacional. Para tanto, num primeiro momento “[...] cada província realizava suas feiras prévias e os produtos então escolhidos eram enviados para uma mostra nacional, onde seriam selecionados para a feira mundial. Só

⁵ A partir de 1976 iniciou-se a prática de construção de Pavilhões Nacionais nas Exposições Universais, como exemplo o Pavilhão do Brasil.

então é que o Brasil estava pronto para apresentar uma exibição fora de seu território” conforme salientava Schwarcz (1998, p. 581).

Sob este olhar Klug e Santos (2003) realizam uma reflexão sobre o papel das associações agrícolas e das exposições coloniais na instrução dos trabalhadores rurais por meio da análise das colônias Blumenau, Dona Francisca e Brusque entre os anos de 1850 a 1905. Ademais, nas análises dos autores, eles também buscam demarcar a historicidade dessas exposições, bem como relacioná-las a participação das colônias nas exposições internacionais.

Ainda segundo os autores, estas exposições agrícolas e industriais que aconteciam no território nacional além de atuarem como um veículo de divulgação das novas técnicas e implementos a serem usados na agricultura e na indústria selecionava o que seria apresentado nas grandes Exposições Universais que representavam a nova utopia modernista, uma espécie de vitrine das novas tecnologias. Desta maneira, D. Pedro II buscava colocar o país entre as nações que caminhavam rumo ao progresso mundial. Entretanto,

[...] mesmo tendo levado produtos industriais (maquinarias, materiais para estrada de ferro, telégrafos e armamentos militares) a contribuição brasileira nestes eventos estava concentrada em produtos agrícolas e exóticos. Um exemplo disso ocorreu em sua primeira participação, onde seus produtos premiados foram o café e a cerâmica marajoara. [...] No Brasil foram promovidas seis exposições nacionais de 1861 a 1888. Estas serviam como preparatórias e classificatórias para a escolha dos representantes brasileiros nas edições internacionais. Diversas províncias brasileiras também realizavam suas exposições preparatórias. Em Santa Catarina, tanto o governo provincial como algumas colônias de imigrantes promoveram exposições seguindo a tendência internacional. O sistema de premiação também era inspirado nas universais, com a distribuição de medalhas e diplomas para as mais variadas categorias (KLUG & SANTOS, 2003, p. 90).

Deste modo, as exposições brasileiras atuavam na divulgação dos avanços da modernização agrícola. Algumas colônias de imigrantes de Santa Catarina participaram de exposições nacionais e internacionais, nas quais receberam premiações. A colônia Blumenau, representada por seu diretor Hermann Blumenau e alguns colonos foi premiada da Exposição Universal de 1867, realizada em Paris. Tal premiação foi tratada com grande satisfação por Dom Pedro II e por seu Ministério da Agricultura, fazendo com que Hermann Blumenau elaborasse uma proposta de um programa para as Exposições Coloniais. Esta proposta tinha por objetivo⁶:

⁶Os objetivos, produtos a serem expostos e classificação dos eventos que foram propostos no programa de Exposições Coloniais por Hermann Blumenau foram obtidos através dos relatos presentes em Klug e Santos (2003).

- 1- Tornar conhecidos, na possível extensão, quaisquer riquezas e recursos naturais brutos, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes, que atualmente ou no futuro possam ser aproveitados na indústria ou no comércio.
- 2- Animar o progresso e a emulação na lavoura e indústrias por meio de prêmios honoríficos e, em certos casos, de prêmios pecuniários ou da compra de objetos expostos.
- 3- Promover e facilitar a mútua instrução, bem como as relações e os negócios entre produtores e compradores.

De acordo com esta proposta, poderiam ser expostos:

- 1- Animais úteis para, por seu intermédio, serem introduzidas novas criações ou melhoradas as raças existentes do distrito, e qualquer planta útil ou de ornamento ainda desconhecida do mesmo.
- 2- Máquinas, aparelhos e utensílios ou modelos, que forem ainda desconhecidos ou não fabricados no distrito e que nele, com vantagem, poderiam ser empregados ou fabricados, bem como outros objetos, que a população do mesmo possa utilizar como instrução profissional.
- 3- Relatórios ou notas sobre ensaios ou melhoramentos executados em qualquer ramo da lavoura e indústria do distrito, quando os objetos de que tratam não podem de maneira nenhuma serem trazidos à própria exposição para serem examinados e apreciados.

Para finalizar as disposições da proposta, os eventos seriam divididos em três classes:

- I – Classe: produtos brutos da natureza.
- II – Classe: agricultura, economia e indústrias agrícolas e rurais (nesta categoria estava inclusa a criação de animais, a horticultura, a pomicultura, a arboricultura e as culturas especiais).
- III – Classe: produtos de ofícios, artes e indústrias indispensáveis para o bem estar, prosperidade e progresso de qualquer colônia.

Enfim, essas Exposições Coloniais eram organizadas e patrocinadas pelo próprio imperador, o qual distribuía quatro categorias de prêmios: medalha de prata, medalha de cobre, menção honrosa e prêmio extraordinário e fora do comum. Estas amostras não eram

pequenas. Em 1861, por exemplo, cinco mil pessoas visitaram a Exposição Nacional do Rio de Janeiro, e setenta e seis expositores mostraram setecentos e cinquenta objetos divididos em diferentes seções (SCHWARCZ, 1998, p. 581). Nota-se que nas exposições as despesas eram maiores que a receita, demonstrando que o governo não pensava num retorno em curto prazo e sim na propaganda e visibilidade que propiciavam (SCHWARCZ, 1998).

Todavia, outros autores, por sua vez, abordam as exposições em períodos mais recentes. Rosalen (2012, p. 36) ao discutir a comemoração do cinquentenário de Chapecó ocorrido 1967, faz uma análise da Efapi (Exposição-feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó) enfatizando que ela “deu ênfase aos implementos agrícolas e industriais, motivados pelas transformações que o município e o país estavam passando”. Citando Ben (2005) a autora notabiliza que “esta repercussão de um possível progresso advinha da política econômica, que vinha sendo desenvolvida no país, e que no oeste favoreceu o desenvolvimento e implantação das agroindústrias”.

Já Pereira (2011), em seu artigo “Difusão da inovação, consumo e cotidiano no campo moderno - notas sobre o papel das feiras agropecuárias em Rondônia (Brasil)” avalia a função das feiras e eventos agropecuários no processo de modernização das atividades agrícolas no estado de Rondônia, dando ênfase nas áreas onde recentemente o campo se torna mais denso em técnica e voltado para as estruturas corporativas de produção. Ele discute o papel que tais eventos possuem na disseminação da ciência e da informação voltadas para as inovações produtivas no campo, inserindo novas necessidades de consumo e um efeito de modernização no território.

Desta maneira, “presente nos insumos, nas máquinas e mesmo na produção propriamente dita, a informação especializada aparece como variável fundamental do período, indispensável às práticas da agricultura e da pecuária moderna” (PEREIRA, 2011, p. 10). Entre as feiras que atualmente estão ligadas ao agronegócio e por sua vez a modernização agrícola podemos destacar a Tabela 2- Principais feiras agropecuárias em 2016.

Tabela 2- Principais feiras agropecuárias em 2016.

FEIRA/EXPOSIÇÃO	DATA	LOCALIZAÇÃO
Showtec	20 a 22 de janeiro	Maracaju (MS)
Itaipu Rural Show	27 a 30 de janeiro	Pinhalzinho (SC)
Show Rural Coopavel	01 a 05 de fevereiro	Cascavel (PR)
Expodireto Cotrijal	07 a 11 de março	Não-Me-Toque (RS)
Femagri	16 a 18 de março	Guaxupé (MG)
Expoagro Afubra	21 a 23 de março	Rio Pardo (RS)
Show Safra	29 de março a 01 de abril	Lucas do Rio Verde (MT)
Expo Vinis	05 a 07 de abril	São Paulo (SP)
Tecnoshow Comigo	11 a 15 de abril	Rio Verde (GO)
Feira Internacional das Graxarias	13 e 14 de abril	Campinas (SP)
Agrishow	25 a 29 de abril	Ribeirão Preto (SP)
Expozebu	30 de abril a 07 de maio	Uberaba (MG)
Rondônia Rural Show	25 a 28 de maio	Ji-Paraná (RO)
Bahia Farm Show	24 a 28 de maio	Eduardo Magalhães (BA)
AgroBrasília	10 a 14 de maio	Brasília-Unai (MG)
BeefExpo	15 a 16 de junho	São Paulo (SP)
Megaleite	21 a 16 de junho	Belo Horizonte (MG)
Hortitec	22 a 24 de junho	Holambra (SP)
Global Agribusiness Forum	04 e 05 de julho	São Paulo (SP)
FEACOOOP	01 a 04 de agosto	Bebedouro (SP)
Congresso Brasileiro do Agronegócio	08 a 10 de agosto	São Paulo (SP)
Fenasucro & Agrocana	23 a 26 de agosto	Sertãozinho (SP)
ExpoFlora	26 de agosto a 25 de setembro	Holambra (SP)
Expointer	27 de agosto a 04 de setembro	Esteio (RS)
Mercoagro	13 a 16 de setembro	Chapecó (SC)
Expoinel	15 a 25 de setembro	Uberaba (MG)
PorkExpo	15 a 20 de outubro	Foz do Iguaçu (PR)
AgroCampo	09 a 20 de novembro	Maringá (PR)
Feira Nacional do Camarão	21 a 24 de novembro	Natal (RN)

Fonte: Revista Globo Rural.

Elaboração: da autora.

Ainda, nota-se que a maioria destas feiras provém de cooperativas. No oeste catarinense não é diferente. É assim, que as feiras agropecuárias se tornam verdadeiros espetáculos de exibição da técnica, da difusão da modernização do campo, ou seja, uma vitrine de divulgação do agronegócio, pois;

Até mesmo onde o campo não se apresenta completamente racionalizado ou totalmente instrumentalizado, a idéia de necessidade da informação aparece, e a maioria das feiras e eventos agropecuários, da forma como são realizados, atuam como elemento de difusão da modernidade no campo e, concomitantemente, da sua racionalização. Tais feiras, para além de tudo o que significam em termos de inserção de novos objetos, novas tecnologias e novos capitais no campo [...] também difundem uma psicofera modernizadora que se instala e também “adianta” a inserção dos novos conteúdos modernos no campo. (PEREIRA, 2011, p. 17).

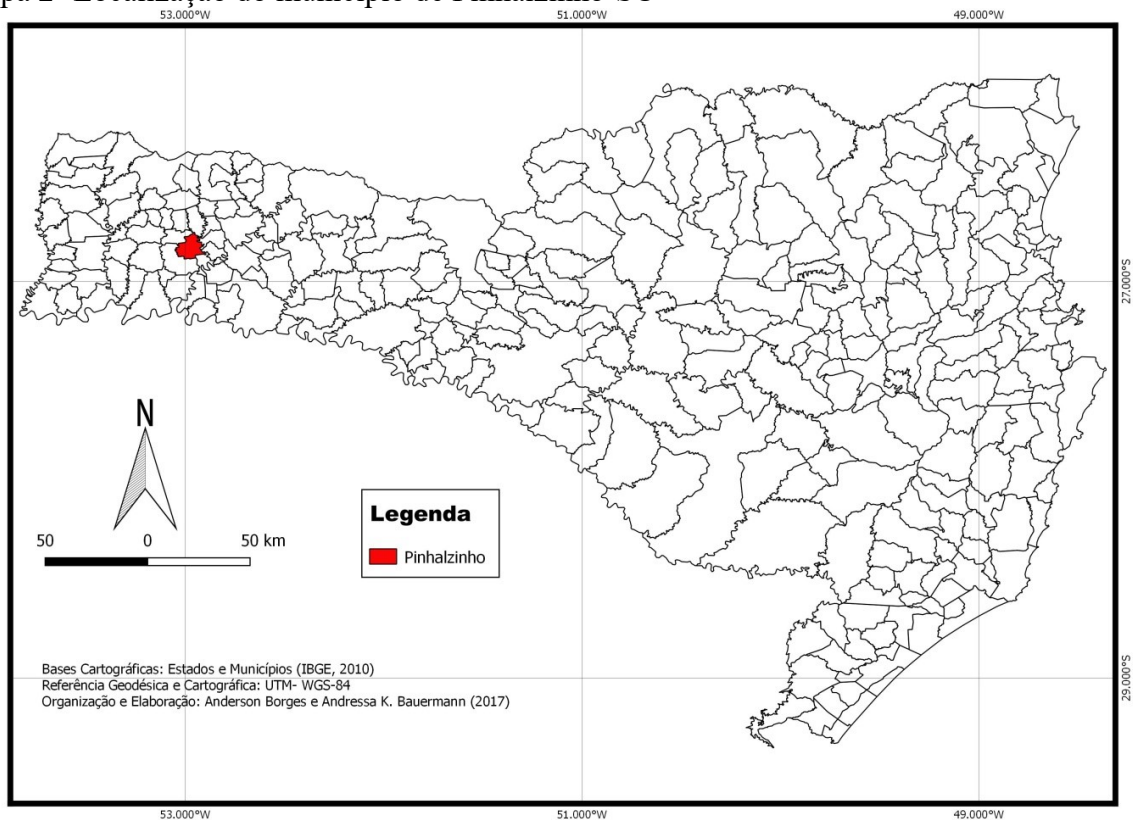
Nesse sentido, propomos na sequência uma investigação acerca da influência do Itaipu Rural Show na difusão da tecnificação agrícola entre os anos de 1998 e 2017 no oeste

catarinense, visto que as feiras agropecuárias se apresentam como importantes elementos difusores e ainda carecem de estudos.

4. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO ITAIPU RURAL SHOW

O Itaipu Rural Show⁷ surge em 1998 quando a Cooperativa Regional Itaipu⁸ resolveu transformar os tradicionais dias de campo em uma feira desenvolvida no Centro de Treinamento e Difusão de Tecnologias no município de Pinhalzinho –SC. No Mapa 2, é possível observar a localização do município sede do evento que apresenta como objetivo mostrar aos agricultores a tecnologia que cada uma das empresas participantes tinha a oferecer. Possibilitavam dessa forma que o agricultor comparasse o resultado dos materiais de cada uma das empresas participantes.

Mapa 2- Localização do município de Pinhalzinho-SC



Fonte: IBGE (2010).

A primeira edição realizada no ano de 1998, chamado de Itamilho Show, e que reuniu não mais do que 120 agricultores desenvolveu profundas raízes e, ano a ano, vem perfilhando e mostrando o que é novidade no mercado. No evento de 2017 mais de 200 empresas de

⁷As informações sobre o contexto de formação da feira se encontram disponíveis no site de divulgação do evento, no link < <http://www.itaipururalshow.com.br/sobre-a-feira/>> e também em materiais cedidos pela cooperativa como cadernos de programação, projetos para obtenção de recursos e atas de reuniões.

diferentes segmentos, todos ligados à agropecuária, expuseram seus produtos no Itaipu Rural Show que, além de lhes proporcionar contatos e vendas diretas, lhes permite o repasse de suas tecnologias a cada um dos visitantes que, a cada edição, comparecem em maior número. Em consonância com o exposto, considerando a história da feira, em entrevista, o atual presidente da cooperativa nós conta que:

o principal mentor foi o engenheiro agrônomo Paulo Junqueira da Silva, o Presidente da Cooperitaipu na época Sr. Marcos Zordan e Gerente Comercial da época Sr. Arno Pandolfo. As empresas participantes foram os chamados “milheiros” com demonstração de variedades de sementes de milho. No início não se imaginava atingir a dimensão atual, tudo foi sendo construído de forma gradativa e consciente. O sucesso e resultados atingidos em cada edição foram o principal impulso para o crescimento e expansão. A aceitação do público e aplicação das tecnologias tornou o Itaipu Rural Show, uma das maneiras mais dinâmicas para repassar informações aos produtores rurais. Tudo isso, deu-se por meio de avaliações internas, planejamento e dedicação dos associados e funcionários da Cooperitaipu, que passou também a ter o reconhecimento e apoio de diversas entidades públicas e privadas (PANDOLFO, 2017, p. 02).

Também chamada de Cooperitaipu, a Cooperativa Regional Itaipu que atua nos municípios de Pinhalzinho, Modelo, Saudades, Sul Brasil, Serra Alta, Bom Jesus do Oeste e Saltinho, foi fundada em 26 de abril de 1969. Nasceu com o nome de Cooperativa Agrícola Mista Pinhalense. Seus 25 fundadores estabeleceram como objetivos a armazenagem do milho, do trigo do feijão e a independência em relação aos comerciantes, na venda da produção e na compra dos insumos.

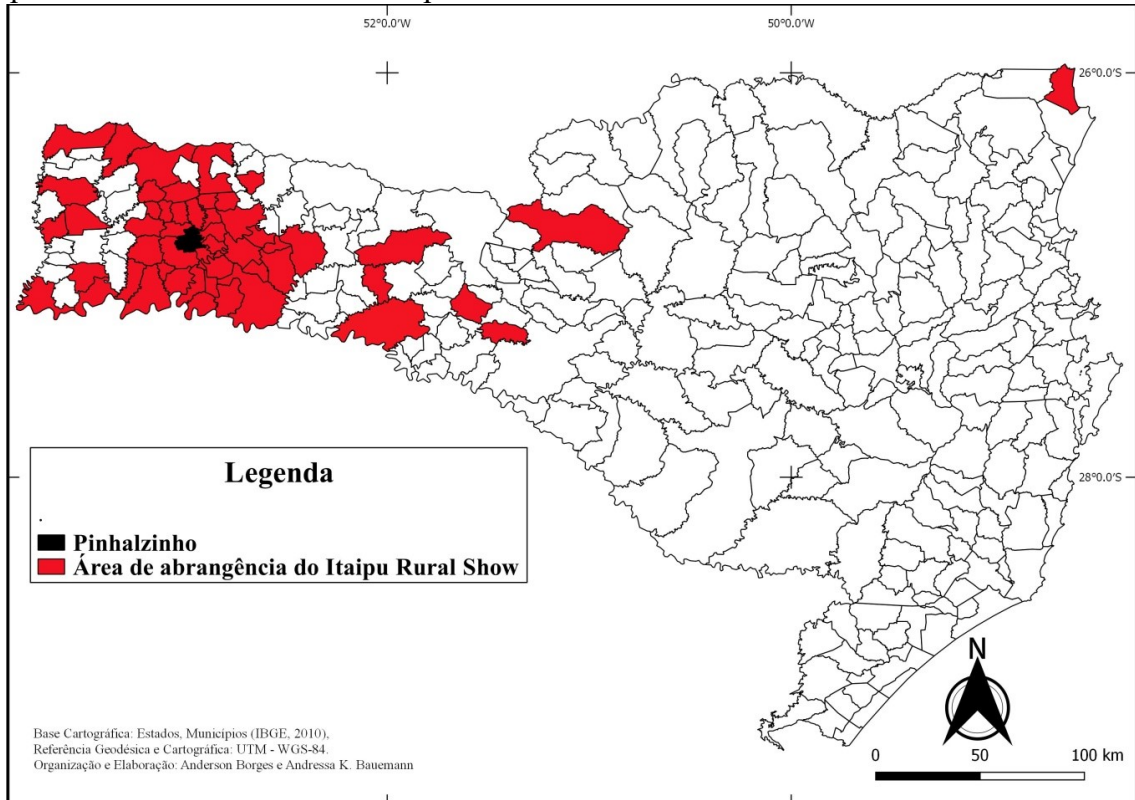
A diversificação da produção foi inevitável consolidando os novos objetivos: o estímulo, o desenvolvimento progressivo, a defesa das atividades econômicas de caráter comum dos associados e a industrialização. Em 1975, uniu-se com a Cooperativa Mista Modelense e passou a se chamar Cooperativa Regional Itaipu. Com maior área geográfica, ampliou o número de associados e cresceu o volume da produção. Novas filiais foram abertas e aumentou a capacidade de armazenagem.

Com visão empresarial e com decisões de longo prazo a Cooperitaipu, mais uma vez, ampliou a sua área geográfica de atuação, quando somou forças com os associados da Cooperativa Agropecuária Saudades, em 1987. Sua estrutura é composta pela sede, estabelecida no município de Pinhalzinho e 17 filiais nos municípios de sua área de atuação: Saudades, Pinhalzinho, Modelo, Serra Alta, Sul Brasil, Bom Jesus do Oeste e Saltinho (histórico disponibilizado pela Cooperativa Itaipu).

A dimensão do evento pode ser percebida através do Mapa 3 – Área de influência do Itaipu Rural Show em Santa Catarina. O mapa foi produzido a partir de dados fornecidos pela

organização do evento que na última edição realizou uma pesquisa com amostragem de 200 pessoas aleatoriamente escolhidas a fim de conhecer o perfil dos visitantes, tendo como propósito avaliar e ampliar a divulgação do evento, diferente desta pesquisa que busca demonstrar o papel da feira na tecnificação dos agricultores.

Mapa 3 – Área de influência do Itaipu Rural Show em Santa Catarina



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Ademais, além das cidades catarinenses outras apareceram na pesquisa como Nonoai, Barão de Cotegipe, Pinheirinho, Erval Seco, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Vista Gaúcha e Sananduva no Rio Grande do Sul. Francisco Beltrão, Realeza e Pato Branco no Paraná. São Paulo e Pompéia em São Paulo e Ciudad Del Leste no Uruguai.

Quanto à estrutura do evento, esta pode ser observada no Mapa 4- Organização da feira. Neste, é possível evidenciar a disposição dos pavilhões, das áreas de exposições dos animais e cultivos.

Mapa 4- Organização da feira



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu

Em complemento ao mapa, verifica-se que o Parque de Exposições do Itaipu Rural Show tem uma área total de 20,20 hectares e conta com as edificações permanentes relacionadas abaixo, totalizando mais de 3.500m² de área coberta⁹. São elas:

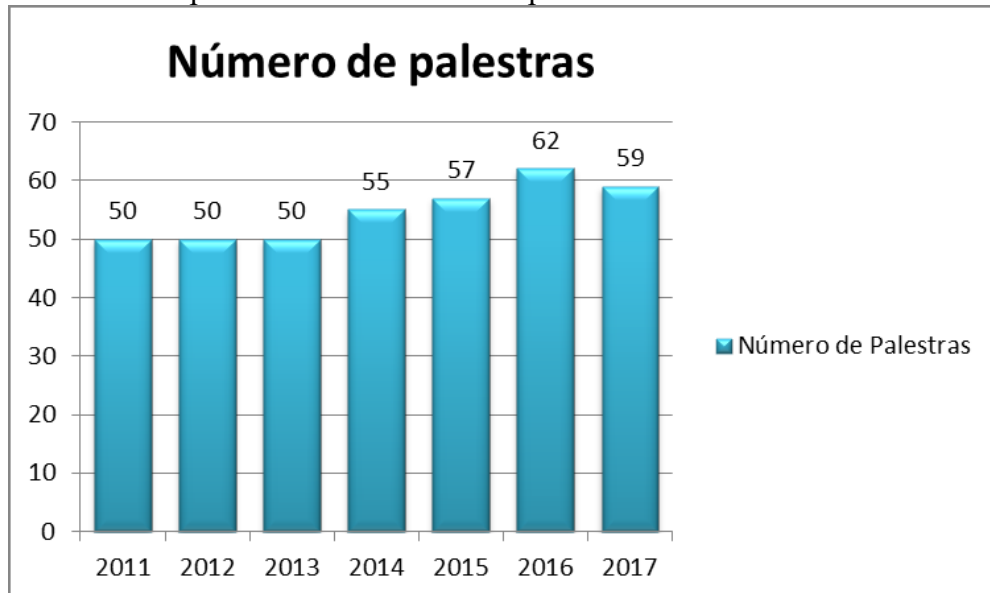
- Um galpão para exposição de aves;
- Um galpão para exposição de antiguidades (Museu);
- Um galpão para exposição de suínos;
- Três galpões para exposição de gado leiteiro;
- Um galpão para demonstração de ordenha;
- Um galpão para exposição de material didático sobre qualidade total rural;
- Um galpão para exposição de produtos agro veterinários;
- Um galpão para exposição de pequenas máquinas para avicultura e suinocultura;
- Um pavilhão para expositores;
- Um pavilhão para rádio feira, imprensa, suporte para saúde e outros.

⁹ Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

No que diz respeito à forma como a feira foi se expandindo ao longo dos anos, apresentamos na sequência a evolução no número de palestras, expositores e visitantes disponibilizados pela organização do evento.

O Gráfico 1, demonstra a quantidade de palestras oferecidas aos participantes entre os anos de 2011 a 2017, lembrando que no período anterior a 2011, estes dados não foram computados. Nota-se, que de 2011 a 2013 manteve-se uma constância, na qual 50 palestras foram ofertadas. Além disso, o ano de 2016 foi o que apresentou o maior número de palestras, totalizando 62, seguido por 2017 com 59 palestras.

Gráfico 1- Número de palestras realizadas no Itaipu Rural Show entre os anos de 2011 a 2017



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Elaboração: da autora.

Através do caderno de programação do ano de 2017 é possível notabilizar que as palestras perpassam três segmentos principais: leite, avicultura e suinocultura, pilares produtivos da cooperativa, conforme pode ser observado nas Figuras 5 e 6. Nas palavras do agricultor Irineu Henker (2017, p. 04) essas palestras são importantes “porque você está sempre lembrando que precisa melhorar, melhorar e melhorar. As vezes é um pouco repetitivo, mas tu sempre está aprendendo algumas coisas”.

Além disso, é possível notar na região oeste uma especialização produtiva no setor agroindustrial de carne e leite. Logo, feiras e eventos como o Itaipu Rural Show são destinadas a esses setores, na parte agrícola, com sementes e maquinários para a produção de ração e para a criação, bem como, instrumentos para o manejo animal, dialogando assim, com diversas escalas.

Figura 5- Caderno de programação do 19º Itaipu Rural Show

25/01/2017 • QUARTA-FEIRA

PROGRAMAÇÃO

08:00	RECEPÇÃO AOS VISITANTES	
10:30	ABERTURA OFICIAL	PRAÇA ALIMENTAÇÃO 1
8:00 às 19:00	ORIENTAÇÕES TÉCNICAS NOS SETORES:	
	AVICULTURA	PAVILHÃO DE AVES
	EPAGRI	ÁREA DE AGRICULTURA
	SUINOCULTURA	PAVILHÃO DE SUÍNOS
	BOVINOCULTURA LEITEIRA (pastagens, nutrição, reprodução e sistemas de produção)	SETOR LEITEIRO
	HORTICULTURA	ESTUFAS
	CEREAIS	ÁREA DE AGRICULTURA
	PLANTAS MEDICINAIS	HORTO DE ERVAS MEDICINAIS
	PASTAGEM, IRRIGAÇÃO, FENO E PRÉ-SECADO	ÁREA DE AGRICULTURA
	OVINOCULTURA	SETOR DE OVINOS
11:00 às 14:00	ALMOÇO	PRAÇA ALIMENTAÇÃO 1
14:00	TREINAMENTO DE PLANTIO, COLHEITA DE SILAGEM, FENAÇÃO, PRÉ-SECADO, OPERAÇÃO DE TRATORES E EQUIPAMENTOS E SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	ÁREA DE DINÂMICA DE MÁQUINAS
14:00	DICAS DE MANEJO EM CULTIVO PROTEGIDO	ESTUFAS
	SEMINÁRIO DE LEITE	
14:00	PALESTRA COM WAGNER BESKOW - PRODUÇÃO DE LEITE E MERCADO	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1





26/01/2017 • QUINTA-FEIRA



08:00	RECEPÇÃO AOS VISITANTES	
8:00 às 19:00	ORIENTAÇÕES TÉCNICAS NOS SETORES:	
	AVICULTURA	PAVILHÃO DE AVES
	EPAGRI	ÁREA DE AGRICULTURA
	SUINOCULTURA	PAVILHÃO DE SUÍNOS
	BOVINOCULTURA LEITEIRA (pastagens, nutrição, reprodução e sistemas de produção)	SETOR LEITEIRO
	HORTICULTURA	ESTUFAS
	CEREAIS	ÁREA DE AGRICULTURA
	PLANTAS MEDICINAIS	HORTO DE ERVAS MEDICINAIS
	PASTAGEM, IRRIGAÇÃO, FENO E PRÉ-SECADO	ÁREA DE AGRICULTURA
	OVINOCULTURA	SETOR DE OVINOS
10:00	CLUBE DA BEZERRA E NOVILHA (julgamento de animais jovens das raças Holandes e Jersey)	PISTA DE DESFILE E JULGAMENTO
10:00	PALESTRA COM FRANCISCO TURRA - MERCADO DE CARNES	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1
11:15	PALESTRA COM PAULO MULINARI - MERCADO AGROPECUÁRIO	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1
11:00 às 14:00	ALMOÇO	PRAÇA ALIMENTAÇÃO 1
14:00	CLUBE DA BEZERRA E NOVILHA (julgamento de animais jovens das raças Holandes e Jersey)	PISTA DE DESFILE E JULGAMENTO
14:00	TREINAMENTO DE PLANTIO, COLHEITA DE SILAGEM, FENAÇÃO, PRÉ-SECADO, OPERAÇÃO DE TRATORES E EQUIPAMENTOS E SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	ÁREA DE DINÂMICA DE MÁQUINAS
14:00	DICAS DE MANEJO EM CULTIVO PROTEGIDO	ESTUFAS
	SEMINÁRIO DE AVICULTURA	
14:15	PALESTRA COM ALINE KUNTZE FERREIRA - Médica Veterinária formada há 11 anos pela Universidade Federal do Paraná em Curitiba e trabalha na área de incubação há quase 11 anos. TÍTULO: QUALIDADE DE PINTOS: COMO AVALIAR E GARANTIR	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1
15:00	PALESTRA COM LETÍCIA DAL BERTO - Médica Veterinária TÍTULO: INFLUÊNCIA DO MANEJO DAS AVES NA QUALIDADE INTESTINAL	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1

Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Acervo da autora

Figura 6- Caderno de programação do 19º Itaipu Rural Show

27/01/2017 • SEXTA-FEIRA
PROGRAMAÇÃO

08:00	RECEPÇÃO AOS VISITANTES	
8:00 às 19:00	ORIENTAÇÕES TÉCNICAS NOS SETORES:	
	AVICULTURA	PAVILHÃO DE AVES
	EPAGRI	ÁREA DE AGRICULTURA
	SUINOCULTURA	PAVILHÃO DE SUÍNOS
	BOVINOCULTURA LEITEIRA (pastagens, nutrição, reprodução e sistemas de produção)	SETOR LEITEIRO
	HORTICULTURA	ESTUFAS
	CEREAIS	ÁREA DE AGRICULTURA
	PLANTAS MEDICINAIS	HORTO DE ERVAS MEDICINAIS
	PASTAGEM, IRRIGAÇÃO, FENO E PRÉ-SECADO	ÁREA DE AGRICULTURA
	OVINOCULTURA	SETOR DE OVINOS
	SEMINÁRIO DE SUINOCULTURA	
10:00	PALESTRA COM DAVID BARCELLOS - SANIDADE E BIOSSEGURANÇA E LEANDRO HACKENHAAR - BEM ESTAR ANIMAL	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1
11:00	JULGAMENTO FEIRA RANQUEADA DE ANIMAIS JOVENS	PISTA DE JULGAMENTO
11:00 às 14:00	ALMOÇO	PRAÇA ALIMENTAÇÃO 1
14:00	JULGAMENTO FEIRA RANQUEADA DE ANIMAIS JOVENS	PISTA DE JULGAMENTO
14:00	TREINAMENTO DE PLANTIO, COLHEITA DE SILAGEM, FENAÇÃO, PRÉ-SECADO, OPERAÇÃO DE TRATORES E EQUIPAMENTOS E SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	ÁREA DE DINÂMICA DE MÁQUINAS
14:00	USO DE HELICÓPTEROS NA PULVERIZAÇÃO AGRÍCOLA - VIABILIDADE E DEMONSTRAÇÃO	ÁREA DE DINÂMICA DE MÁQUINAS
14:00	PALESTRA MOTIVACIONAL PARA O PÚBLICO FEMININO	AUDITÓRIO PAVILHÃO 1

UM SHOW DE TECNOLOGIA E BOAS PRÁTICAS NO CAMPO!

28/01/2017 • SÁBADO


08:00	RECEPÇÃO AOS VISITANTES	
8:00 às 19:00	ORIENTAÇÕES TÉCNICAS NOS SETORES:	
	AVICULTURA	PAVILHÃO DE AVES
	EPAGRI	ÁREA DE AGRICULTURA
	SUINOCULTURA	PAVILHÃO DE SUÍNOS
	BOVINOCULTURA LEITEIRA (pastagens, nutrição, reprodução e sistemas de produção)	SETOR LEITEIRO
	HORTICULTURA	ESTUFAS
	CEREAIS	ÁREA DE AGRICULTURA
	PLANTAS MEDICINAIS	HORTO DE ERVAS MEDICINAIS
	PASTAGEM, IRRIGAÇÃO, FENO E PRÉ-SECADO	ÁREA DE AGRICULTURA
	OVINOCULTURA	SETOR DE OVINOS
10:00	JULGAMENTO FEIRA RANQUEADA DE ANIMAIS JOVENS	PISTA DE JULGAMENTO
11:00 às 14:00	ALMOÇO	PRAÇA ALIMENTAÇÃO 1
14:00	JULGAMENTO FEIRA RANQUEADA DE ANIMAIS JOVENS	PISTA DE DESFILE E JULGAMENTO
14:00	TREINAMENTO DE PLANTIO, COLHEITA DE SILAGEM, FENAÇÃO, PRÉ-SECADO, OPERAÇÃO DE TRATORES E EQUIPAMENTOS E SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	ÁREA DE DINÂMICA DE MÁQUINAS
16:00	PREMIAÇÃO DAS GRANDES CAMPEãs JULGAMENTO ANIMAIS JOVENS E DO TORNEIO LEITEIRO	PISTA DE DESFILE E JULGAMENTO



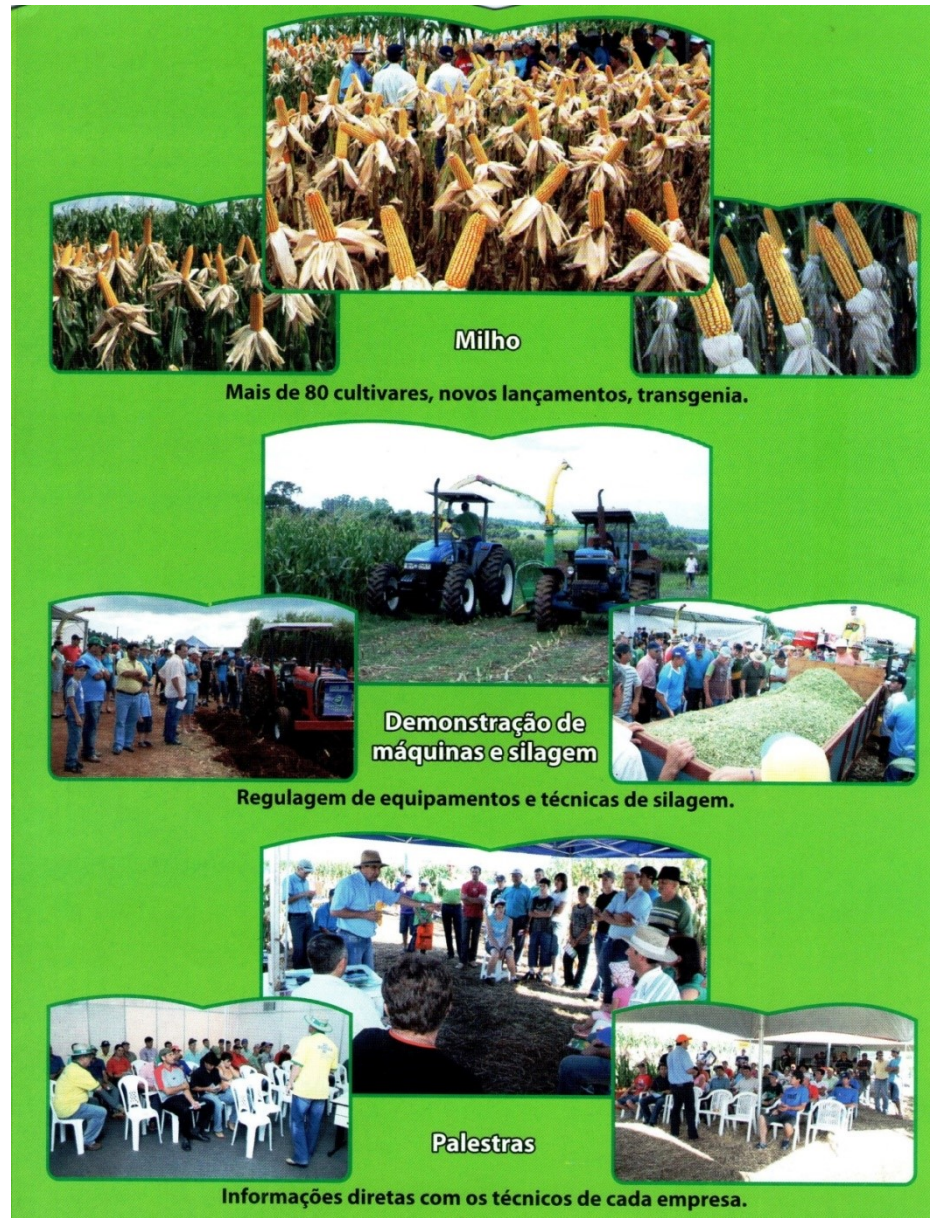


Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Acervo da autora.

Também é possível notar que as palestras nas próprias titulações emanam ideais de modernização e tecnificação da produção e do espaço, como por exemplo, “Produção de leite e mercado”, “Qualidade de pintos: como avaliar e garantir”, “Sanidade e biossegurança”. Ademais, os slogans do evento complementam o exposto ao enfatizar “Um show de

tecnologia e boas práticas no campo!”. A prática de treinamentos também vai de encontro às proposições mencionadas, sendo estes de plantio, colheita de silagem, fenação, pré-secado, operação de tratores e equipamentos e sistema de irrigação, de acordo com o que pode ser percebido na Figura 7.

Figura 7 – Treinamentos de plantio e demonstrações de máquinas para silagem no 12º Itaipu Rural Show



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Acervo da autora.

Em relação às exposições é possível notar que desde as primeiras edições, a feira buscar destacar o que havia de mais moderno em sementes, principalmente soja e milho, reservando um espaço para as principais marcas com suas variedades de destaque. Isso pode

ser evidenciado na Figura 8, a qual consiste no material de divulgação da primeira edição do evento, ainda chamado de Itaipu Milho Show.

Figura 8- Material de divulgação do primeiro Itaipu Milho Show.

ITAIPU MILHO SHOW

SG - 133	SG - 150	G - 800	G - 159 - S	AVANTE	PREMIUM	C - 435	C - 806	C - 909	C - 901	AG - 9014	AG - 5014	AG - 3010	AG - 5011	P - 3041	P - 3071	P - 3069	P - 32R - 21	8040	8392	8474	AS - 32	AS - 3466	AS - 523	AS - 3601	AGN - 3060	AGN - 3050	AGN - 2012	AGN - 3100	XI - 321	XI - 269	XI - 212	XI - 214	
GUERRA	NOVATRIS	CARGIL	AGROCERES	PIONEER	ZÊNeca	AGROESTE	AGROMEN	BRASKALB																									

338388	Luziania
Conquista	Tucano
Uirapuru	Xingu
123246	Canário
Pioneira	Parecis
Garça Branca	Br. IAC - 21
Paiguás	123247

18 VARIEDADES DE SOJA
PROVINDAS DO M.G. DE
PLANTIO DO TARDE.

COOPER ITAIPU

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

ITAIPU ARTESANATO

ITAIPU OVELHAS

ITAIPU SUÍNOS

ITAIPU LEITEIRO

MANAH

RHODIA

AVIOESTE

HERBITÉCNICA

IPIRANGA

SIPCAN

ZÊNeca

FERTIPAR

Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Acervo da autora.

A imagem destaca marcas, a grande maioria estrangeira, no ramo de sementes, como Guerra, Novatris, Cargil, Agrocere, Pioneer, Zêneca, Agroeste, Agromen e Braskalb em relação às sementes de milho. Também demonstra a presença de espaços voltados a máquinas agrícolas, artesanato, ovelhas, suínos e leite, bem como destinados a algumas empresas como a Manah, Rhodia, Avioeste, Herbitécnica, Ipiranga, Sipcan, Zêneca e Fertipar.

Sob o slogan “Traga sua esposa e seus filhos, todos merecem participar”, o material de divulgação da segunda edição do evento (Figura- 9) continua demonstrando ideais de modernização ao aumentar e diversificar o número de empresas expositoras (Zêneca, Cyanamid, Beno Werlang, Bayer, Agriquem, Giachini & Cia, Aurora, Dimac, Granja JSR, Unifertil, Bazanella, Top Sed, Avemarau, Tortuga, Irrigater, Novartis Saúde Animal, Perozin, Asper, Suck Milk, Nutrimasa, AD. Trevo, Massey Ferguson, Coavil, Monsanto e Nutron) e segmentos (horticultura, irrigação, máquinas, milho, soja, feijão, suínos, aves e citros).

Figura 9- Material de divulgação do segundo Itaipu Rural Show.



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
 Acervo da autora.

Ademais, é possível observar que marcas como a Massey Ferguson além da exposição nas feiras divulgavam seus materiais em jornais, conforme as discussões realizadas no primeiro capítulo.

Outras imagens e informações que se faziam presentes nos cadernos de programação e em outros materiais de divulgação entregues aos agricultores também difundiam os ideais de modernização e tecnificação dos agricultores, reforçando o que era exposto pelas palestras. O

convite do segundo Itaipu Rural Show, o qual pode ser visualizado na Figura 10, menciona frases como “Venha se informar! Novidades chegam todos os dias”, “Show de tecnologia”, “Show de adubação” e “Show de aplicação de defensivos”.

Figura 10- Convite do segundo Itaipu Rural Show



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Acervo da autora.

Todavia, essas frases são reforçadas por uma espécie de linha do tempo que parte dos primórdios da evolução humana. Assim, nota-se um homem primitivo caçador e coletor que ao descobrir certas ferramentas, na figura, representada pela enxada, passa a tornar-se agricultor. Nesta evolução, esse homem descobre o cultivo da mandioca, do arroz, do milho e da soja e a partir do momento em que tem contato com novas técnicas a agricultura vai se

modernizando. Entre as técnicas, destaca-se o calcário, o adubo, os fertilizantes, a adubação folhar, os maquinários (tratores), o Plantio Direto, as sementes híbridas, os herbicidas, os inseticidas, os fungicidas faixa verde, até chegar às biotecnologias (soja resistente a Roundup e milho resistente a Roundup, Poust e a pragas), que constituem novamente marcas estrangeiras. Ademais essa modernização apenas seria possível por meio da união dos agricultores, representada na imagem pela junção das mãos.

O Gráfico 2, por sua vez, mostra o número de expositores do evento. Observa-se que o recorte temporal encontra-se entre os anos de 2011 a 2017. Entre os anos de 2011 a 2015 houve significativo aumento dos expositores, apesar do cenário de retração econômica, sendo que em 2011 havia 238 expositores e em 2015, 334. O ano de 2016 apresenta uma leve diminuição, totalizando 312 expositores. No que concerne a 2017, há novamente um aumento, sendo que 320 expositores se fizeram presentes na feira.

Gráfico 2- Número de expositores do Itaipu Rural Show entre os anos de 2011 e 2017



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Elaboração: da autora.

Essas exposições permeiam diversos setores, sendo que no ano de 2017 a feira apresentou¹⁰:

- Demonstrações técnicas em 06 hectares de lavoura com mais de 90 cultivares de milho, inclusive com demonstrações de técnicas de plantio,

¹⁰ Informações disponíveis no Projeto de Patrocínio 19º Itaipu Rural Show.

redimensionamento e distância entre linhas, população final de plantas, avaliação da produtividade, sanidade e bromatologia;

- Plantio e cultivo de plantas medicinais em 3000 m² com mais de 140 tipos de plantas;
- Estufas com cultivo de tomates e outras hortaliças;
- Dinâmica de máquinas agrícolas;
- Realização de oficinas tecnológicas e demonstrações permanentes sobre o uso correto de herbicidas, inseticidas, fungicidas e a destinação correta das embalagens vazias de agrotóxicos;
- Produção de leite, implantação e manejo do sistema de piqueteamento em 05 hectares de pastoreio Voisin e outras pastagens;
- Técnicas para a criação de bezerras;
- Custo benefício do fornecimento de silagem e ração balanceada para produção de leite;
- Práticas de ordenha visando a melhor qualidade de leite e consequente enquadramento a legislação;
- Palestras sobre cooperativismo, mercado futuro, tendências do agronegócio no mercado mundial, administração e motivação;
- Palestras técnicas em todos os setores;
- Exposição e comercialização de bovinos de leite e ovinos;
- Exposição de suínos e aves;
- Apresentação de resultados obtidos com o programa D’Olho na qualidade rural e QT rural;
- Demonstração e comercialização de máquinas agrícolas, como tratores, arados, plantadeiras de cereais, ordenhadeiras, resfriadores de leite, implementos e utensílios para a propriedade rural;
- Demonstração de variedades de soja, plantio, tratos culturais, adubação, controle de pragas, colheita e produtividade;
- Comercialização de utilidades domésticas, confecções, automóveis, produtos coloniais e amplo espaço para alimentação.

A Figura 11 representa algumas demonstrações da edição 2017, sendo que é possível notabilizar que ao mesmo tempo em que o agricultor visita o stand das empresas, também visualiza os resultados e funcionamento dos produtos ofertados. Assim, a imagem A, consiste

em uma lavoura demonstrativa de sementes de milho da marca Agroeste. Por sua vez, a imagem B, representa uma exposição de maquinários e a imagem C, um espaço que permite demonstrar o funcionamento de equipamentos agrícolas. Indo ao encontro do exposto, nas palavras de Pandolfo (2017, p.02):

as empresas participantes também conseguem demonstrar seus produtos e serviços, movimentando seus negócios. Da mesma forma a economia local e regional, que além de estar mais visível no cenário regional, ganha no movimento econômico gerado em decorrência da feira.

Figura 11- Demonstrações no segmento milho e máquinas agrícolas



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Para finalizar, o gráfico 3, aponta o crescimento no número de visitantes da feira. É possível perceber que em sua primeira edição (1998) o número de visitantes ficava em torno de 200 pessoas e em sua última edição (2017) em aproximadamente 58 500 visitantes.

Gráfico 2- Número de visitantes do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017



Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Elaboração: da autora.

No que diz respeito às principais empresas e instituições que atuam no evento, é possível identificar duas categorias, a dos patrocinadores e a dos apoiadores. Estes, de acordo com os ramos comerciais ao qual pertencem, demonstram mais uma vez os ideais modernizantes da feira. Evidencia-se que essas empresas e instituições de alguma forma estão conectadas ao ramo do agronegócio e a consequente tecnificação dos agricultores. Isso pode ser observado na Tabela 3, que apresenta como finalidade associar as empresas e instituições ao número de vezes que patrocinaram o evento. O mesmo processo é feito na Tabela 4, entretanto, ela está relacionada aos apoiadores do evento.

Considerando a Tabela 3, é possível notabilizar que a Ceraçá (15)¹¹, Sicoob Creditaipu (14), Nutron (09), Prefeitura Municipal de Pinhalzinho (08) e JW Construções (03) foram às empresas e instituições com o maior número de patrocínios. Os demais fizeram apenas um patrocínio. Cabe ressaltar que a Sicoob Creditaipu é a empresa bancária parceira da cooperativa. Assim, essa parceria, que não é a única, permite que os agricultores comprem seus equipamentos na feira. Ademais, em momentos em que estas empresas não foram patrocinadoras do evento, estas apareceram enquanto apoiadoras.

¹¹ Número de vezes em que a empresa ou instituição patrocinou a feira.

Tabela 3 – Empresas e instituições patrocinadoras do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017.

EMPRESAS E INSTITUIÇÕES	Nº DE PATROCÍNIOS
AGROESTE	1
CERAÇÁ	15
CHEMINOVA	1
SENAR	1
AVIOESTE	1
SICOOB CREDITAIPU	14
MTS - COMÉRCIO & REPRESENTAÇÕES LTDA	1
PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHALZINHO	8
NUTRON	9
TECTRON - NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL	1
FUNTURISMO	1
AURORA	1
JW CONSTRUÇÕES	3
SYNGENTA	1

Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.

Elaboração: da autora.

Quanto a Tabela 4, constata-se como principais apoiadores do evento o Governo de Santa Catarina (15)¹², o Sebrae (15), o Senar (14), o SESCOOP/SC (13), a Aurora (09), Brasil: um país de todos – Governo Federal (09), a Prefeitura Municipal de Pinhalzinho (08), a Epagri (07), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (06), a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca (06), a Funturismo (05), Turismo Sustentável e Infância (05), a Sicoob Creditaipu (04), a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Transporte (02) e os demais apoiadores apresentam uma participação.

Também é importante salientar a presença do setor público no evento, tanto na esfera municipal com a presença da Prefeitura Municipal, na esfera estadual com o apoio do Governo do Estado de Santa Catarina e na esfera federal com a presença de programas, secretarias e ministérios. Constata-se que em nenhuma das edições houve patrocínio ou apoio do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), demonstrando a retirada do papel do

¹² Número de vezes em que a empresa ou instituição foi apoiadora da feira.

Estado e a inserção do papel da modernização a empresas, órgão e instituições privadas. Também é importante salientar, que tanto os patrocinadores, quanto os apoiadores são empresas, órgãos públicos, programas e instituições que contemplam a esfera local, regional e nacional, mostrando relações global-local.

Tabela 4- Empresas e instituições apoiadoras do Itaipu Rural Show entre os anos de 1998 e 2017.

EMPRESAS E INSTITUIÇÕES	Nº DE APOIADORES
SICOOB CREDITAIPU	4
AURORA	9
CERAÇÁ	1
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO	6
GOVERNO DE SANTA CATARINA	15
PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHALZINHO	8
EPAGRI	7
SEBRAE	15
SENAR	14
FECOAGRO	3
SESCOOP/SC	13
BRASIL: UM PAÍS DE TODOS - GOVERNO FEDERAL	9
BRDE	1
FUNTURISMO	5
SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DA PESCA	6
SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E TRANSPORTE	2
TURISMO SUSTENTÁVEL E INFÂNCIA	5
SDR – MARAVILHA	1
BRASIL: GOVERNO FEDERAL	1

Fonte: Cooperativa Regional Itaipu.
Elaboração: da autora.

Ainda, é importante destacar quais são as estratégias utilizadas para divulgação do evento, a fim de entender as maneiras pelas quais a feira difunde seus ideais de modernização e da consequente tecnificação. Assim, cabe ressaltar o:

- Coquetel de lançamento com presença de autoridades e imprensa;
- Inserções em jornais e revistas de circulação regional;
- Divulgação em diversas emissoras de televisão de abrangência regional, estadual e nacional;

- Inserções em emissoras de rádios de abrangência regionalizada;
- Mídia eletrônica exclusiva com site próprio do evento;
- Envio de e-mail marketing individualizado e a entidades organizadoras de grupos;
- Telemarketing;
- Rádio feira e sonorização durante o evento;
- Visitas às entidades, órgãos governamentais, autarquias e empresas;
- Outdoor, cartazes, banner, audiovisual, folder e outros.

Essas estratégias, segundo Pandolfo (2017, p. 01) estão de acordo com as proposições da feira, que tem por objetivo:

levar conhecimento aos produtores rurais da nossa região, do estado e país. É uma forma que a Cooperitaipu encontrou para difundir as tecnologias existentes em todos os segmentos produtivos. As instituições que primam pelo bem comum, apoiam o evento e desta forma beneficiam a coletividade. As parcerias são formadas por meio de projetos estruturados de maneira ampla, com comprovação de viabilidade e prestações de contas.

Verifica-se que as entrevistas realizadas com os agricultores, responsáveis pela organização e expositores vão de encontro com o acima mencionado e ressaltam a importância da feira enquanto difusora de novas tecnologias. O expositor Jairo Martini¹³ (2017, p.01) enfatiza:

participamos em varias feiras para conhecer as novas tecnologias que surgem no mercado e repassar aos nossos clientes. Precisamos estar atentos a esta época de mudanças para que possamos estar a frente das necessidades, preparados e em constante metamorfose para nos manter vivos no mercado. O Itaipu rural Show é a oportunidade para repassarmos as inovações tecnológicas, demonstrar nosso conhecimento e apresentar os produtos com que trabalhamos e em parceria com as empresas oferecemos preços e condições diferenciados. Para os agricultores é a possibilidade de conhecer equipamentos e as inovações, adquirir um conhecimento maior para se reciclarem constantemente. Participamos na 1º edição da feira na época era o Itamilho show no ano de 1998, então participamos da feira os 19 anos.

O expositor, ainda resalta que conveniados com os bancos ou com a própria empresa, eles encaminham toda a documentação necessária para acelerar o processo de

¹³ O expositor é dono da empresa Martini Máquinas Agrícolas. Ela é fundada em 1990 em Pinhalzinho/SC e em 1994 em Serra Alta/SC. Hoje A empresa conta com 16 colaboradores e possui oficina própria. Atende em torno de 42 municípios com venda e assistência técnica. O diferencial é o trabalho de assistência técnica 24 horas e os serviços oferecidos englobam não só parte mecânica como também elétrica, agrônômica, zootecnia e veterinária. A empresa oferece toda linha de implementos agrícolas: tratores, ensiladeiras, carretas, dentre outros. Na área do Leite: ordenhas, tanques, aquecedores, ventiladores, canzil, contenção, produtos de limpeza, etc. Na fenação: segadeira, ancinho, enfardadeiras, entre outras. As marcas que mais se destacam são: Krone, Trioliet, Stihl, Gimenez, entre muitas outras.

financiamento e “assim oportunizar aos clientes a aquisição de equipamentos que possam facilitar seu trabalho no campo”.

Charles Kath (2017, p.05) representante da Bayer, referência no mercado em pós-parto e criação de bezerras, ao comentar sobre a importância do Itaipu, reforça que a feira é:

uma vitrine do mundo, pois o produtor ali tem a oportunidade de conhecer as mais novas tecnologias que estão sendo lançadas no mercado, tanto na área de leite, agricultura, máquinas, animais, e pra empresa é uma parceria cada vez mais fortalecida com o cliente e com os produtores, porque ali ela tem a oportunidade de estar em contato com o associado, estar em contato com o seu cliente no dia-a-dia e a cooperativa é extremamente importante justamente pra isso, pra fortalecer o seu grupo de associados, pra mostrar pra eles que a cooperativa está empenhada em trazer tecnologia, fomentar a produtividade do produtor e consequentemente a rentabilidade (grifos da autora).

Outras parcerias importantes devem ser ressaltadas. A Aurora, com a qual a Cooperitaipu é filiada, sempre se faz presente no evento. Nas palavras de Lanznaster (2017, p. 22) “a Aurora participa em todas as edições, com seus técnicos, com isso mostra a genética suína, a genética de frango, a nutrição, ela vai pra orientar o agricultor”.

Ademais, nas palavras dos agricultores, também é notória a influência da feira na tecnificação de suas propriedades. Nesse sentido, Jandt (2017, p. 03) afirma que “o primeiro resfriador de leite, a primeira ordenhadeira, a moto, compramos no ITAIPU”. Já Henker (2017, p.04) nos diz “sempre vou pra olhar, porque sempre se enxerga alguma coisa nova. E às vezes tu não vai comprar lá, mas tu viu lá e vai comprar em outro lugar o mesmo equipamento”.

Portanto, a feira se torna um espaço que consegue demonstrar para o produtor e demais visitantes as tecnologias e inovações que as empresas têm a oferecer. Isso proporciona o contato dos expositores com milhares de produtores de diversas partes do país, integrando diversas escalas e firmando o Itaipu Rural Show enquanto um dos instrumentos da modernização e tecnificação da produção e do espaço do oeste catarinense, conforme será destacado na etapa final deste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discussões sobre a importância das feiras/exposições agropecuárias no cenário brasileiro e seu papel como instrumento da tecnificação agrícola ainda são muito recentes e carecem de mais estudos. É por isso que este trabalho teve por objetivo compreender a influência do Itaipu Rural Show na difusão da tecnificação agrícola entre os anos de 1998 e 2017 no oeste catarinense.

Essa temática se justifica, pois, há muito tempo o meio rural vem passando por transformações que objetivam estimular os agricultores a utilizarem novas práticas de trabalho no campo, pautadas sob a égide das constantes modernizações agrícolas que emergem por meio da criação de novas técnicas.

Ao abordar o processo de modernização, associado principalmente à atuação da ACARESC, nota-se a presença de um discurso no qual a valorização da tecnologia teria papel fundamental na superação do atraso rural. Desta maneira, quando a tecnologia emerge como uma verdadeira indústria, têm-se como consequência uma especialização produtiva dos lugares, um aumento da produção e um caráter específico para as regiões, o que permitiu a implantação dos sistemas agroindustriais voltados ao agronegócio e a territorialização do capital no campo. É possível notar na região oeste uma especialização produtiva no setor agroindustrial de carne e leite. Logo, feiras e eventos como o Itaipu Rural Show são destinadas a esses setores, na parte agrícola, com sementes e maquinários para a produção de ração e para a criação, bem como, instrumentos para o manejo animal, dialogando assim, com diversas escalas.

Assim, o Itaipu pode ser visto como uma vitrine da tecnificação agrícola ao passo que ele demonstra num mesmo espaço a tecnologia que cada um dos expositores tem a oferecer, visando atender as tendências do mercado e o que há de mais moderno. Logo, a feira se adapta e se modela as mudanças do setor agropecuário, trazendo a cada edição novidades e investimentos na área de genética, estandes com exposição de máquinas agrícolas, automóveis, empresas de melhoramento animal, vegetal, insumos e outros, além da presença de bancos oferecendo diversas linhas de crédito.

A partir da análise do Itaipu Rural Show, compreende-se que as empresas participantes também conseguem demonstrar seus produtos e serviços, movimentando seus

negócios. Da mesma forma, a economia local e regional, que além de estar mais visível no cenário regional, ganha no movimento econômico gerado em decorrência da feira.

Quanto aos ideais de modernização e tecnificação da produção e do espaço, eles ficam claros nas titulações das palestras, nos slogans do evento e na prática de treinamentos. Outras imagens e informações que se faziam presentes nos cadernos de programação e em outros materiais de divulgação entregues aos agricultores também difundiam os ideais de modernização e tecnificação dos agricultores, reforçando o que era exposto pelas palestras. As empresas expositoras são marcas referência no mercado do agronegócio, muitas vezes estrangeiras. Os apoiadores e patrocinadores são empresas, órgãos públicos, programas e instituições que contemplam a esfera local, regional e nacional, permitindo uma integração escalar.

Desta maneira, os sistemas de objetos técnicos, aqui representados pelo Itaipu Rural Show, mantêm e regulam o processo de tecnificação dos agricultores ao dar condições de “capacitação” e ao ampliar a gama de agrosserviços oferecidos, por ser a cooperativa uma fonte confiável de informações para os agricultores. Assim, as empresas podem demonstrar aos agricultores novas técnicas e tecnologias num mesmo espaço, possibilitando a comparação instantânea entre as mesmas. Deste modo, podemos afirmar que o Itaipu Rural Show é um instrumento técnico atuante influência na difusão da tecnificação agrícola e nas transformações socioespaciais da agricultura do oeste catarinense, demonstrando a importância do estudo destes eventos sob a ótica geográfica.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Rosa Salete. Apontamentos sobre a geografia do oeste de Santa Catarina. In: ALBA, Rosa Salete (org). **Estudo de Geografia Agrária do Oeste Catarinense**. Chapecó. Argos, 2008.p.19-43.
- ALMEIDA, Jalcione. **A Modernização da Agricultura**. Porto Alegre: EDITORA UFRGS, 2010.
- BARBOSA, Maira Rodrigues. **EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE LONDRINA UMA CIDADE DENTRO DE OUTRA CIDADE**. 2005. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/cce/geo/tcc/008_exposicaoagropecuariaeindustrialdelondrinaumacidadede ntrodeoutracidade_2005.pdf.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.211-261, jan/dez. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a17v4n1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.
- BAUERMANN,A.K.;BRANDT,M. Transformação da paisagem em Pinhalzinho – SC a partir da exploração madeireira entre as décadas de 1940 a 1970. In: VI JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – JIC, v.1. 2016, Chapecó.
- BEN, Fernanda. **O Trabalho e a Festa: ideias, perspectivas e ações que envolveram os festejos dos 50 anos do município de Chapecó**. Disponível em: <www.labhstc.ufsc.br/jornada/textos/fernanda%20ben.doc>. Acesso em: 10 maio 2011.
- BRANDT, Marlon. PAISAGENS CABOCLAS NO OESTE DE SANTA CATARINA: COLONIZAÇÃO E RUPTURAS. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (orgs). **OESTE DE SANTA CATARINA: TERRITÓRIO, AMBIENTE E PAISAGEM**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. Cap. 1. p. 11-40.
- CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; LINO, Jaisson Teixeira. Um passado distante, um patrimônio presente: o povoamento pré-colonial de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian et al. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 19-58.
- CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; NODARI, Eunice Sueli; NODARI, Rubens Onofre. “Defensivos” ou “agrotóxicos”? História do uso e da percepção dos agrotóxicos no estado de Santa Catarina, Brasil, 1950-2002. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.75-91, jan-mar. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v24n1/0104-5970-hcsm-24-1-0075.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- CHORINCAS, Joana. **Geografia Econômica: encontros e desencontros de uma ciência de encruzilhada**. Inforgeo, Lisboa 16/17, Edições Colibri, 2001/02, p. 109-122.
- Cooperativa Regional Itaipu. **PROJETO DE PATROCÍNIO 19º ITAIPU RURAL SHOW**. 2016.
- ELIAS, D. Trabalho de campo: notas teórico-metodológicas. *Geosp*. São Paulo, n.5, p.97-108, 1998.

_____. **Globalização e agricultura: A região de Ribeirão Preto - SP.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. Scripta Nova. **Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (03). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-03.htm>> [ISSN: 1138-9788].

_____. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. **Difusão do Agronegócio e Novas Dinâmicas Socioespaciais.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. Cap. 1. p. 25-82. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/livro/difusão-do-agronegócio-e-novas-dinâmicas-socioespaciais>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FREDERICO, Samuel. MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E REGULAÇÃO TERRITORIAL NOS FRONTS AGRÍCOLAS BRASILEIROS. **Espaço & Geografia**, Alfenas, v. 2, n. 11, p.135-155, 03 dez. 2008. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/228632639>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GONÇALVES, J. S. **Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios.** Informações Econômicas. São Paulo, v.35, n.4. abr. 2005, p. 07-35.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **ESTADO E AGRICULTURA NO BRASIL: POLÍTICA AGRÍCOLA E MODERNIZAÇÃO ECONÔMICA BRASILEIRA 1960-1980.** São Paulo: Hucitec, 1997. 245 p.

GOULARTI FILHO, Alcides. **PADRÕES DE CRESCIMENTO E DIFERENCIAÇÃO ECONÔMICA EM SANTA CATARINA.**2001. 391 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Econômica, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

GLOBO RURAL. **Os principais eventos da agropecuária em 2016.** Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2016/01/os-principais-eventos-do-agro-em-2016.html>>. Acesso em 05 de setembro de 2017.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecológica. Crítica da moderna agricultura.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

ITAIPU RURAL SHOW. Disponível em: <<http://www.itaipururalshow.com.br/sobre-a-feira/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

KLUG, João; SANTOS, Manoel P. R. Teixeira dos. Associações Agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 9, p.87-103, set/out. 2003.

KOSSOY, Boris. **FOTOGRAFIA & HISTÓRIA.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LINO, Jaisson Teixeira. O povoamento indígena no Sul do Brasil: as contribuições da arqueologia e da história. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul.** Chapecó: Uffs, 2015. Cap. 5. p. 92-108.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **CAMPOS DO ATRASO, CAMPOS MODERNOS**: discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975). 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77069>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **HISTÓRIA** de Santa Catarina : estudos contemporâneos. 2. ed. rev. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. 214 p. ISBN 858577536X.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). **Espaço Plural**, Cascavel, v. 1, n. 18, p.9-17, 1º sem.2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1630/1319>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

NODARI, Eunice Sueli. Um olhar sobre o oeste de Santa Catarina sob o viés da história ambiental. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p.136-150, 2010. Semestral.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas (1872 – 2000). **Revista USP**, São Paulo, p. 218-269, dez./fev. 1999-2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo de. Geografia Agrária: perspectivas no início do século XXI. In: **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Terra e Paz, 2004. p.29-65.

ONGHERO, André Luiz et al. Nos primeiros tempos... cotidiano dos colonizadores em Chapecó. In: CARBONERA, Mirian et al. **Chapecó 100 anos**: histórias plurais. Chapecó: Argos, 2017. Cap. 3. p. 107-136.

PELUSO JUNIOR, Victor. ASPECTOS DA POPULAÇÃO E DA MIGRAÇÃO EM SANTA CATARINA. In: A PELUSO JUNIOR, Victor et al. **FUNDAMENTOS DA CULTURA CATARINENSE**. Laudes, 1970. p. 50-75.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. DIFUSÃO DA INOVAÇÃO, CONSUMO E COTIDIANO NO CAMPO MODERNO - NOTAS SOBRE O PAPEL DAS FEIRAS AGROPECUÁRIAS EM RONDÔNIA (BRASIL). **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 21, p.04-19, 12 abr. 2011. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v21i0.21229>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21229>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina**: sua história. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.

POLI, Jaci. Caboclo: Pioneirismo e Marginalização. *Cadernos do CEON*, Chapecó - Ano 19, n. 23, p. 149 – 187, 2006. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/141>>. Acesso em: 01 out. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Ignácio. **Ciclo, Tecnologia e Crescimento**. In: Obras Reunidas, volume 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo, 1994.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. Hucitec, São Paulo, 1988.

_____. **Da totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4 ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p.25-39, fev. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>>. Acesso em: 07 maio 2017.

SCHROEDER-GUDEHUS, Brigitte, RASMUSSEN, Anne. *Les fastes du progres: le guide des expositions universelles 1851-1992*. Paris: Flammarion, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **AS BARBAS DO IMPERADOR: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 917 p. Disponível em: <http://edmundomonte.com.br/wp-content/uploads/2015/02/As-Barbas-do-Imperador_Lilia-Moritz-Schwarcz.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2017.

SILVA, J. G. da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: Editora da UNICAMP. 1996.

RADIN, José Carlos; VICENZI Renilda. A colonização em perspectiva no centenário de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian et al. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 59-105.

RAMOS, Soraia. Sistemas técnicos agrícolas e o meio técnico-científico-informacional no Brasil. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Marília Laura. **O BRASIL: território e sociedade no século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 375-387.

RENK, Arlene. **A Luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense**. 2. Ed. Rev. Chapecó: Argos, 2006.

ROSALEN, Eloisa. A comemoração do cinquentenário de Chapecó (1967). **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 36, n. 25, p.15-42, 2012. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/1151/645>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, p.03-58, jun. 1949. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1949_v11_n2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ZENDRON, Rute Coelho. O fotógrafo. **Esboços**. V.10, p. 84-95, Chapecó, 2002.

ENTREVISTAS

HENKER, Irineu. 59 anos. Depoimento, 24 jul. 2017. Modelo/SC. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

JANDT, Arno. 70 anos. Depoimento, 25 jul. 2017. Modelo/SC. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

KATH, Charles Mário. 27 anos. Depoimento, 18 out. 2017. Chapecó/SC. Entrevistadores: Andressa Krieser Bauermann e Marlon Brandt. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

LANZMASTER, Mário. 77 anos. Depoimento, 15 set. 2017. Chapecó/SC. Entrevistadores: Andressa Krieser Bauermann e Marlon Brandt. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

MARTINI, Jairo. 49 anos. Depoimento, 23 nov. 2017. Pinhalzinho/SC. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

PANDOLFO, Arno. Depoimento, 13 nov. 2017. Pinhalzinho/SC. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

SCHMATZ, João Alfredo. 50 anos. Depoimento, 15 ago. 2017. Pinhalzinho/SC. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

ZIMERMANN, Bruno. 74 anos. Depoimento, 8 ago. 2017. Bom Jesus do Oeste. Entrevistadora: Andressa Krieser Bauermann. Acervo do projeto de extensão Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades. Bom Jesus do Oeste/SC, 2017.